

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O GRANDE IRMÃO FACEBOOK: PRIVACIDADE RELATIVA

GABRIELA DORNELES ANTONIOLI

PORTO ALEGRE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O GRANDE IRMÃO FACEBOOK: PRIVACIDADE RELATIVA

Trabalho (monografia) de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Nísia Martins do Rosário.

PORTO ALEGRE

2012

GABRIELA DORNELES ANTONIOLI

O GRANDE IRMÃO FACEBOOK: PRIVACIDADE RELATIVA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Nísia Martins do Rosário

Prof.^a Dr.^a Maria Berenice da Costa Machado

Prof.^a Dr.^a Aline do Amaral Garcia Strelow

Avaliação: _____

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que tornaram possível essa realização, em especial à minha mãe e ao Zen, que revisaram incessantemente este texto, e às professoras Nísia e Helenice, que me acolheram e acreditaram no meu potencial.

Agradeço também a todos os meus amigos que compartilharam as suas experiências na graduação.

Resumo

O presente trabalho estabelece relações entre a obra de George Orwell e a rede social Facebook. O primeiro trata de uma denúncia às políticas de um regime totalitário. O segundo é uma rede social baseada no compartilhamento de informações. Em ambos podemos notar a conexão entre as possibilidades de acesso a dados privados dos cidadãos e pessoas dispostas a perder um pouco de sua privacidade em nome do pertencimento a uma rede social. Nessas relações de poder, existem interesses comerciais e políticos que acabam incidindo na forma como se desenvolve a comunicação social. Portanto, através do método da análise crítica, esse trabalho traz um alerta aos usuários pois postam suas informações de forma despreocupada.

Palavras-chave: Privacidade, Facebook, 1984, Orwell, Vigilância.

Índice

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	A PRECONIZAÇÃO DE GEORGE ORWELL.....	9
2.1	Sobre a Novilíngua.....	10
2.2	Sobre a Teletela.....	11
2.3	Sobre a ideologia IngSoc.....	11
2.4	Sobre a organização do partido.....	12
2.5	Sobre a transgressão à ideologia.....	13
2.6	Sobre as punições estatais.....	15
2.7	Breve comentário sobre a obra “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley.....	17
2.8	Comparação entre as duas obras.....	18
3.	A VIGILÂNCIA E O CONTROLE NA INTERNET.....	21
3.1	As redes sociais como ferramenta de expressão.....	21
3.2	Breve comentário sobre a estrutura de busca do Google	24
3.3	Breve histórico do Orkut.....	26
3.4	Breve histórico do Facebook.....	27
3.5	A ferramenta Facebook.....	27
3.6	A publicidade no Facebook.....	32
3.7	Segurança na Internet.....	36
3.8	O envolvimento do Estado com o Facebook.....	37
4.	DOS TERMOS E CONDIÇÕES DE USO DO FACEBOOK.....	40
4.1	Questionário entre usuários.....	40
4.2	Pesquisa sobre a privacidade no Facebook.....	44
4.3	Análise dos termos e condições para ingresso na rede social Facebook	48
4.4	Análise dos termos de uso dos dados.....	56
4.5	Síntese dos relatórios e da análise do texto.....	60
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6.	BIBLIOGRAFIA.....	63

1. INTRODUÇÃO

Comunicação é uma necessidade básica dos seres humanos, assim como discussões em grupo e troca de mensagens. As novas tecnologias digitais e de rede permitiram a ampliação exponencial das possibilidades de comunicação. Porém, às vezes, ferramentas que podem ser julgadas úteis trazem certos riscos.

As redes sociais são um tema atual devido ao fato de serem um novo canal para a comunicação social. Muitos são os estudos que têm se desenvolvido acerca desse tema. Espera-se com este trabalho trazer um novo foco, uma análise da questão da invasão de privacidade na rede social Facebook ao analisar sua estrutura de funcionamento e fazer uma relação com a obra *1984* que é bastante inspiradora, apesar de referir-se a outro contexto político e social.

Nota-se na obra *1984*, de George Orwell, (ficção que se passa num futuro próximo) que a visibilidade de um Estado policiado torna os indivíduos vulneráveis e, portanto, o excesso de poder interfere na vida dos cidadãos. O livro se passa numa realidade alternativa, mas podemos perceber que o Facebook é uma instituição que promove a visibilidade pessoal dos seus usuários e, assim, há momentos em que essa rede social pode atuar do mesmo modo que o Estado onisciente descrito na obra de Orwell.

No romance, a “teletela” é um aparelho que age como uma membrana que separa o cidadão do Estado, já o Facebook é uma pantalha entre o usuário e o sistema ao qual ele está exposto, que envolve outros usuários da rede social e os gerenciadores da rede, que por seu turno, tem acesso a todos os dados cadastrados deste usuário. Poderíamos dizer que numa dessas “realidades” o cidadão é monitorado em seus fazeres e ações independentemente da sua vontade e claramente os dados obtidos poderão ser usados contra ele. Dessa forma, estão conscientes da vigilância. Na internet, os cidadãos aderem ao sistema por sua própria vontade, não parecem se sentir vigiados, mas ainda assim disponibilizam dados particulares, redes de relacionamentos, lista de amigos, entre outros.

Partindo desse cenário, pode-se formular o seguinte problema: em que medida os usuários estão sendo vigiados ao postar suas informações no Facebook?

Por consequência, o objetivo principal é verificar de que maneira se está sujeito, quando se utilizam ferramentas da internet, à manipulação de nossas informações pelos sites de redes sociais. Além disso, estipula como objetivos secundários o quanto os usuários estão cientes de seus direitos e deveres perante as empresas de internet, e o quanto o Estado se envolve nessas questões.

A necessidade desse estudo se justifica porque a sociedade está interagindo de maneiras novas, através de ferramentas tecnológicas novas, e não se sabe as consequências desse novo comportamento.

Para tanto, no primeiro capítulo, a obra de Orwell é apresentada e depois é comentada com base em Arendt (1999) e a questão do estado totalitário, Bourdieu (1997) e Ramonet (1999) serão trazidos para a questão da alienação das mídias. Apesar de não haver maneira de comprovar que um usuário de uma mídia foi alienado por ela por essa caracterização ser muito subjetiva, poderá ser percebido, ao longo deste trabalho que os cidadãos em alguns momentos não parecem preocupados com a segurança de seus dados.

O segundo capítulo se propõe a tratar das redes sociais e dos processos de vigilância. A partir de uma primeira análise, pode-se notar que o Facebook apresenta um ambiente colaborativo atraente por que as pessoas que participam desse espaço virtual compartilham idéias e sentimentos. Mas também é possível notar que as informações do usuário podem ser utilizadas para fins comerciais. Este trabalho procurará desenvolver uma análise dos resquícios entre a idéia Orwelliana de que há uma instituição que a tudo observa e empresas que de fato se utilizam de uma suposta ingenuidade de seus usuários para impulsionar a lucratividade.

Foi utilizado, no terceiro capítulo, questionário com pesquisa que continha questões para avaliação quantitativa e para avaliação qualitativa. Ele foi baseado em Richardson e aplicado em usuários do Facebook para mensurar quantos haviam lido os termos de uso ao ingressarem na rede, uma vez que os termos de uso guardam as configurações de privacidade. E quantos sentiam sua privacidade invadida ao utilizar o serviço do site. Após, foi feita uma análise crítica baseada em Duarte & Barros dos Termos e Condições para justificar a relação feita entre certos pontos da ficção e da realidade, no caso o mundo de Orwell e o Facebook.

2. A PRECONIZAÇÃO DE GEORGE ORWELL¹

Este capítulo tem a pretensão de apresentar aspectos da obra de George Orwell, *1984*, a fim de, através da reflexão, produzir algumas possíveis linhas de aproximação entre a ficção voltada a regimes totalitaristas e a não ficção (nossa realidade) em que vivemos de regimes capitalistas. É preciso deixar evidente que não se pretende defender aqui que a história de Orwell encontra identificação direta com o mundo capitalista, mas que há traços e marcas do enredo que podem ser encontrados no nosso cotidiano, sobretudo em relação às redes sociais. É o primeiro movimento desse trabalho de pesquisa.

George Orwell é o pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em 25 de junho de 1903 em Motihart, na Índia, onde seu pai trabalhava como servidor civil do governo inglês, e falecido em 21 de janeiro de 1950 em Londres, Inglaterra. Suas obras caracterizavam-se, principalmente pelo antifascismo, o antistalinismo, o socialismo democrático e a crítica literária.

Orwell terminou de escrever a obra em 1948 e publicou no ano seguinte o romance “*1984*”, no qual denuncia os regimes totalitários e os líderes demasiado carismáticos como aqueles do stalinismo ou do nazismo.

O livro consiste em um romance narrado em terceira pessoa e conta a história de um trabalhador, Winston, que é funcionário do Ministério da Verdade de Oceania. Há quatro ministérios: o da Verdade, que altera e produz a informação a que a população tem acesso; o da Fartura, que se encarrega de distribuir o mínimo de alimento à população para que ela se satisfaça com pouco; o da Paz, encarregado da guerra perpétua entre os três estados em que o mundo está dividido; o ministério do amor, que se encarrega de impor a ordem e controlar a população.

A Oceania é um Estado dominado pela ditadura do Grande Irmão, seu território se estende pela América, Oceania, sul da África e ilhas do Atlântico, o que inclui Islândia, Irlanda e a Grã-Bretanha, e está em guerra permanente com a Letásia, Estado que controla o Leste Asiático, e com a Eurásia, Estado que controla

¹ A primeira versão do livro foi publicada no Brasil na década de 1980, e continha termos como “Novilingua”, “IngSoc” e o lema do partido era “O Grande Irmão zela por ti”, que na edição de 2005 foram substituídos, respectivamente, por “Novifala”, “SocIng” e “O Grande Irmão está de olho em você”.

a Europa continental, a maior parte da Rússia e pequena porção da Ásia, disputando os territórios ainda não controlados por nenhum dos três.

O regime totalitário deste Estado controla toda a vida de seus cidadãos, desde o cotidiano até os seus pensamentos. Não há prazer, não há debates ou quaisquer trocas de informações em grupo. Sexo é crime senão como forma de procriação. Apenas o Grande Irmão - suposto chefe do Partido – é quem hipoteticamente acolhe e consola as pessoas. Em vários locais de Oceania estão afixados cartazes com os dizeres "O Grande Irmão zela por ti". O partido do governo, IngSoc, se propõe a acabar com a fome, com a guerra e com as colônias, mas faz exatamente o contrário e apaga todas as informações que possam contestar a ideologia vigente. É aí que entra o protagonista Winston. Seu trabalho é o de editar revistas *Time* antigas para que as publicações não critiquem o partido.

O Ministério da Verdade dá validade à idéia de que o mínimo de alimento é a máxima fartura e de que a guerra, mesmo que sem motivação é necessária ao Estado. Assim como os outros ministérios têm essa mesma característica de serem nomeados com palavras que representam o oposto do que suas atividades consistem.

Em estados totalitários reais essa restrição aconteceu de fato: como os cidadãos eram mantidos alienados, não demonstravam estranhamento quando suas liberdades individuais foram retiradas.

2.1 Sobre a Novilíngua

No livro *1984*, há uma nova linguagem: a Novilíngua. É uma língua formada por palavras curtas que agilizam a transmissão de informações e evita, assim, aprimorar argumentos contrários à ideologia IngSoc.

A novilíngua é uma linguagem de controle que como define Matellart:

(...) seu vocabulário é construído de tal maneira que todo membro do partido é capaz de expressar opiniões corretas tão automaticamente quanto uma metralhadora semeia balas. Quanto ampla é a escolha, menor é a tentação de pensar fora do desejo de suprimir. É um instrumento de dominação pois as palavras são modificadas ao bel-prazer do regime (podendo inclusive ser eliminadas) e os cidadãos, apesar de alfabetizados, não podem expressar-se em sua plenitude. (MATTELART, 2002, pág. 327)

Podemos encontrar resquícios dessa linguagem na nossa realidade, talvez não com as mesmas intenções, mas que tem a abreviação como seu ponto central. É muito comum nos comunicarmos na internet e por telefone através de abreviações e códigos, sobretudo em e-mails, msn, mas também nos torpedos.

Para além das abreviações, no romance em questão, há a descrição de que, Winston ao comprar um diário, comete uma transgressão. Escrever à mão livre era considerado um crime de pensamento, pois se exerce um trabalho de escrita de próprio punho e, conseqüentemente, de desenvolvimento de habilidade manual, em contraste com o momento de trabalho em que apenas se digitava e não se tinha uma maneira de desenvolver idéias ou expressar sentimentos, por exemplo.

Para McLuhan (1974), a linguagem: “É a projeção do homem na fala que permite ao intelecto destacar-se da vastidão real”. Ou seja, para nosso pensamento ser completo, não podemos apenas utilizar imagens ou sons (como será explicado a seguir em “Sobre a Teletela”) precisamos de uma outra ferramenta para tornar a compreensão do mundo completa.

2.2 Sobre a Teletela

Na obra de Orwell as questões da eterna vigilância e da manipulação da informação podem ser observadas. Havia a Polícia do Pensamento que analisava as reações das pessoas. Essa divisão especial do partido era encarregada de observar cuidadosamente como os habitantes de Oceania se comportavam através de uma “teletela”: podia-se falar, ver e ouvir por meio desse aparelho que hoje classificaríamos como rádio, televisão e câmera. O aparelho ficava em casa, no trabalho, nas ruas, em todos os lugares. Por meio desse eletroeletrônico podia-se vigiar e encontrar uma determinada pessoa em praticamente qualquer lugar, de modo que a expressão e o comportamento dos cidadãos são analisados pelo outro lado da tela, ou seja, pelos dirigentes do regime, tornando os habitantes de Oceania vulneráveis.

2.3 Sobre a ideologia IngSoc

Este termo significa “Socialismo Inglês” em uma tradução livre.

Winston, o protagonista, havia escrito em seu diário que, a partir de observações pessoais, se o Partido fizesse uma modificação na lógica matemática e afirmasse que $2+2=5$, toda população aceitaria essa modificação devido à pressão que o regime exercia para que seus cidadãos se adaptassem à sua filosofia.

O Partido era capaz de influenciar não só na exteriorização dos pensamentos dos indivíduos, mas também na seleção das informações que recebiam para desenvolver o raciocínio. Havia um momento do dia em que toda população unia-se para extravasar sua raiva contra O Grande Traidor, Goldstein: Dois Minutos de Ódio. Era o momento de a comunidade expressar indignação. Os que não comparecessem seriam dados como subversivos, aliados a Goldstein e traidores do IngSoc.

Para simplificar a comunicação entre os habitantes de Oceania (mantendo-os em constante alienação e impedindo-os de ter pensamentos elaborados), o Estado criou a Novilíngua que utiliza abreviações e exclusão de expressões, ou seja, ao simplificar a linguagem e conseqüentemente simplificam-se os pensamentos, por exemplo: não se deve dizer "ruim" e sim "imbom".

2.4 Sobre a organização do partido

A ideia era de que os combatentes sacrificariam tudo pelo seu país e que seriam eternos soldados, desprezando a uma “vida normal”. ARENDT(1999, pág. 379) afirma que “A guerra, com sua arbitrariedade constante e assassina, tornou-se o símbolo da morte, a ‘grande niveladora’ e, portanto a mãe da nova ordem mundial.” Além disso, para a autora, a massa não quer pensar no que faz,

Dos escombros das classes mortas surge a nova classe de intelectuais, e à sua frente vão os mais inescrupulosos, aqueles que menos têm a perder, e portanto, os mais fortes: os boêmios armados, para quem a guerra é o lar, e a pátria é a guerra civil. (ARENDR, 1999, pág. 367)

A autora se refere ao conceito de revolução em que idéias novas substituem as idéias antigas e, portanto, há uma nova configuração social. Nota-se que com as novas tecnologias, pode-se ter uma nova filosofia de vida a partir da qual nos tornamos gradativamente mais dependentes dessas ferramentas oferecidas pelo mundo digital. Essa é a maneira de manter a coerência entre os indivíduos de um grupo.

Na obra de Orwell havia a Polícia do Pensamento que analisava as reações das pessoas através da “Teletela”. Essa divisão especial do partido era encarregada de observar cuidadosamente como os habitantes de Oceania se comportavam. O aparelho ficava em todos os lugares. Podia-se encontrar e vigiar uma determinada pessoa. Pode-se fazer um paralelo com os *smartphones* através dos quais se acessa as contas de Facebook de qualquer lugar. Hannah Arendt afirma:

O homem da massa, a quem Himmler organizou para os maiores crimes de massa jamais cometidos na história, tinha os traços do filisteu e não da ralé, e era o burguês que, em meio às ruínas do seu mundo, cuidava mais da própria segurança, estava pronto a sacrificar tudo a qualquer momento — crença, honra, dignidade. Nada foi tão fácil de destruir quanto à privacidade e a moralidade pessoal de homens que só pensavam em salvaguardar as suas vidas privadas. Em poucos anos de poder e de coordenação sistemática, os nazistas podiam anunciar com razão: “A única pessoa que ainda é um indivíduo privado na Alemanha é alguém que esteja dormindo”. (ARENDR, 1999, pág. 388).

O lema do partido IngSoc era “Guerra é Paz”, “Liberdade é Escravidão” e “Ignorância é força”. Analisando esse lema, podemos notar que o é importante para o Estado manter os cidadãos sob controle ideológico. Para isso,

Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais — de família, amizade, camaradagem — só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido. (ARENDR, 1999, pág. 373)

Por isso, nesse caso, para manter os indivíduos estáveis, precisa-se eliminar qualquer traço de apego que não seja à ideologia, ao sistema, ao regime ou a instituição.

O regime totalitarista - ao contrário do sistema capitalista neoliberal em que estamos inseridos - tem a tendência a reprimir pela imposição, pela força e por privações físicas, enquanto em outros regimes isso pode ocorrer pelo poder simbólico, pela indução.

2.5 Sobre a transgressão à ideologia

A privação de que se mantivessem registros fez com que o personagem de Winston tentasse cultivar itens não aprovados pelo regime como o diário, citado no subcapítulo 2.3, afinal ele queria preservar sua memória reproduzindo-a de maneira

autoral. Os transgressores eram punidos utilizando diversas formas de tortura para que a pessoa confessasse seus crimes contra a ideologia dominante. Após descoberto e preso, Winston encontra-se com O'Brien numa outra cela bastante iluminada. O'Brien diz que tudo que Winston presenciava não passava de mera alucinação: "Nós, o Partido, controlamos todos os documentos e todas as lembranças. Portanto, controlamos o passado, não é mesmo?" (Orwell, 2009, pág. 292).

A partir dessa afirmação concluímos que não há maneira de lutar contra os acontecimentos, pois os fatos em Oceania nos levam a uma nova configuração de realidade. Segundo Arendt, os regimes totalitários aniquilam o individualismo, pois tratam todos os cidadãos de forma igual a partir do momento em que extingue direitos básicos, assim se evita o questionamento das atitudes do líder. A partir dessa estrutura, privacidade era vista como algo negativo, pois, aos olhos do partido nazista da Alemanha, se o indivíduo buscava resguardar algo íntimo, necessariamente era uma informação nociva ao Estado, conforme afirmação anterior de ARENDT (1999), o indivíduo entregava-se tão completamente ao regime que não se importava de ter a privacidade entregue ao líder.

Nota-se, que em um regime totalitário, o homem comum está à disposição do Estado. Esse instrumento de controle nos mostra como o mundo de uma pessoa comum se torna frágil quando atividades pacatas e rotineiras podem se tornar objeto de investigação que pode conduzir a uma acusação de subversão.

Na União Soviética comunista, por exemplo, haviam reuniões do partido em que todos deveriam participar e quem chegava atrasado ou não comparecia era interrogado e marcado como praticante de atividade subversiva. Uma das formas que a teletela de *1984* apresenta-se como uma ferramenta de controle do governo é nos momentos em que o indivíduo sente medo. O protagonista tem fobia de ratos por causa de um trauma de infância. Sabendo disso, os torturadores utilizam-se desses medos para que o prisioneiro renuncie a suas ideias e acate o regime. Winston se rende e volta plenamente ajustado às normas vigentes.

Para Arendt, as massas dependem do regime para tomar decisões, portanto aprovavam essa atitude, pois tudo era, claro, para o bem-estar do regime. E qualquer pessoa que se questionasse "mas porque meu líder diz que devo fazer isso?" ficaria com medo das conseqüências de sua ausência e iria mesmo assim.

Esses acontecimentos, trazidos por Arendt, mostram o funcionamento dos regimes totalitários e se assemelham muito ao da obra de Orwell, nesses sistemas o uso da força e da coerção pelo medo são predominantes como forma de controle social, buscando a diminuição ou extinção da privacidade. É interessante que sem o uso da força física e da coerção pelo medo, espaços como do Facebook, Youtube e outros operam como exibidores da privacidade com autorização dos usuários, seja por fotografias, vídeos ou outras informações.

2.6 Sobre as punições estatais

Ao se apagar os registros, não há história e não há meio de provarmos uma informação errada. Esse pensamento elimina a história e a cultura² de um povo, é, portanto uma forma de violência. No romance há um capítulo em que o narrador conta que Winston tem o trabalho de apagar a informação de que a ração de chocolate vai diminuir de 30g (um bombom) para 20g. No outro dia há a manchete nos jornais: “Aumento na ração de chocolate para 20g!” Winston não consegue acreditar que as outras pessoas não percebem a mentira por trás dessa informação. A página do jornal que era ocupada por uma lembrança é hoje tomada por uma novidade ou, no caso totalitário, por uma propaganda.

A falta de um plano de governo concreto e unificado (cada ministério tinha o seu e eram feitos a curto prazo, ou seja, eram independentes mas, principalmente, não estavam disponíveis para a população e o líder mudava a seu bel-prazer) fez com que a população ficasse totalmente vulnerável aos caprichos do líder, a imprevisibilidade deste instaurou o medo.

Participaria simplesmente por que “é isso que o líder quer que eu faça”.

Nas palavras de Hannah Arendt:

O que é notável nas organizações totalitárias é que saibam adotar expedientes organizacionais das sociedades secretas sem jamais manter segredo de seu próprio objetivo (...) Stálin impôs a essa estrutura partidária as rígidas normas totalitárias do seu setor conspirativo e somente então se descobriu a necessidade de uma ficção central para manter na organização de massa, a férrea disciplina de uma organização secreta. (...) Todas essas medidas tinham a óbvia finalidade utilitária de proteger os membros contra a perseguição e a sociedade contra a traição. (ARENDR, 1999, pág. 428)

² Para este trabalho, entende-se por “cultura” o conjunto de valores e costumes de um determinado grupo de indivíduos.

Notamos que a questão do enquadramento em um grupo pode levar uma pessoa a arriscar sua individualidade em nome de uma instituição.

Para Ramonet, a falta de privacidade se define como “a ideia de que há câmeras por toda parte e qualquer coisa que aconteça no mundo elas o registrarão para mostrá-la instantaneamente ao público” (RAMONET, 1999, pág. 47).

Tal qual a teletela descrita em 1984, em que a tecnologia permeia o cidadão e o Estado, apresenta-se a membrana entre o público e a realidade espetacularizada. Certos agentes fazem a censura, no caso, o autor aponta os editores-chefe em jornais.

Para Ramonet, um jornal define a maneira que seu público vai prestar atenção e se não há “nada de imagens, nada de informações – não é importante” (RAMONET, 1999) “um discurso de propaganda é um discurso que tenta, criando fatos, ou então ocultando-os, construir um tipo de verdade falsa”:

Como se oculta a informação hoje em dia? Por uma adição de informações: a informação é dissimulada ou truncada porque há informação em abundância para consumir. E sequer se chega a perceber aquela que falta. (RAMONET, 1999, pág. 48)

A ocultação de fatos pela sobreposição de informação irrelevante cria o que Ramonet chama “efeito paravento”, pelo qual uma informação é ocultada, encoberta por outra informação mais sedutora e que envolve menos processos de entendimento e apropriação da linguagem, de modo que os espectadores e os usuários tornam-se objeto de manipulação. Este conceito aproxima-se daquele enunciado por Bourdieu como “fatos-ônibus”.

Bourdieu questiona o papel que os meios de comunicação de massa têm sobre a alienação dos espectadores a partir da maneira como a mídia ressalta determinados discursos:

com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo. Daí certo número de questões prévias: o que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Será que ele merece ser entendido por todo mundo? Pode-se mesmo ir mais longe: ele deve ser entendido por todo mundo? (BOURDIEU, 1997, pág. 18)

Assim como a televisão, a internet nos traz informação, cultura e entretenimento praticamente de graça (basta comprar o computador, pagar a conta de luz e internet) o que é bom para atingir a maior parte de uma população

desfavorecida. Mas deve-se sempre questionar a informação nela contida, seja pelos argumentos utilizados nesse trabalho seja por outros. Portanto, como a informação chega cada vez mais rapidamente a nós, devemos pensar na relevância do que nos é apresentado.

Nota-se que é interessante para os meios de comunicação manter os espectadores entretidos e imersos nas informações ofertadas. Por isso os meios de comunicação escolhem com cuidado o que será exibido para, partindo dessa premissa, eventualmente estudar o que o público acha mais relevante para selecionar o conteúdo das próximas mensagens.

Segundo Orwell, A guerra não é travada com o intuito de ser vencida ou de lutar por uma causa. O intuito da guerra é manter o poder das classes altas, destruir os bens materiais pertencentes às classes inferiores, evitando assim acumulação ou pelo menos dificultando o acesso à riqueza material e intelectual que poderia ser utilizada como ameaça à classe dominante. Para Bourdieu e, principalmente para Ramonet, a guerra é um espetáculo que dá uma informação alarmante e assim a pessoa fica amortecida, sem capacidade de analisar problemas mais próximos de si.

2.7 Breve comentário sobre a obra "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley

O livro "Admirável Mundo Novo" foi escrito em 1931 e publicado em 1932. É uma ficção narrada em terceira pessoa. Ele antecipou todo impacto que a tecnologia do pós-guerra gerou na sociedade.

A obra nos mostra um mundo onde reina o prazer, a ausência de sofrimento nas relações amorosas e falta de envolvimento em causas interpessoais como a maternidade. Segundo os governantes, Ford, o criador do sistema industrial, supostamente venceu uma guerra e promoveu a felicidade dos habitantes. O lema é COMUNIDADE, IDENTIDADE e ESTABILIDADE.

Neste livro é possível notar que as pessoas estão satisfeitas com suas vidas primeiramente porque uma droga que amortece as emoções, o Soma, é distribuído gratuitamente para a população e segundo porque há um consenso geral de que a vida é "perfeita" e que não se precisa de mais nada.

Uma das últimas passagens é quando o líder local, Mustafah Mond, condena O Selvagem, Bernard Marx e Helmholtz, por suas atitudes questionarem

demais o sistema. O Selvagem pergunta por que ter uma vida cheia de prazer mas sem cultura, se ler é algo tão produtivo. Pergunta-lhe ainda porque as classes inferiores não aspiram dominar ao invés de serem dominadas. Mond responde-lhe que as classes inferiores não sabem disso por que a informação que eles têm é o bastante para que eles não sejam estimulados a pensar em fazer um levante popular, uma revolução, porque já usufruem o mesmo prazer das castas mais altas.

A educação promovida pelo governo gera um pensamento condicionado que funciona para que eles não queiram produzir cultura e fiquem satisfeitos com sua contribuição braçal para a sociedade, ainda que alienada.

2.8 Comparação entre as duas obras

Segundo John Thompson, há quatro formas de poder: econômico, político, coercitivo (militar) e finalmente, o simbólico, que é aplicado pelos meios de comunicação. Esse último dá representatividade aos outros três poderes. Sem ele não haveria justificção dos atos dos três primeiros. Para Orwell, o ministério da Verdade onde Winston trabalhava apagava a memória publicada dos cidadãos para que, no caso de piora das condições de vida, os cidadãos não se lembrassem que um dia houve mais fartura. Para Huxley a estabilidade é feita sobre base do trabalho braçal e, concordando com Orwell, as classes inferiores são mantidas nessa ignorância para que a produção intelectual seja privilégio das classes superiores afinal cada um foi fabricado para um fim específico. Para que o povo fique alienado deve ter aquilo que busca, ou seja, se quiseres que a audiência permaneça ignorante, tens que fazer com que ela goste de ser ignorante e permaneça acreditando na informação que recebe. No livro de Orwell, mesmo as pessoas mais alienadas sabiam que podiam contar com O Grande Irmão ainda que esta fosse uma figura impalpável. Na nossa realidade, é à internet que as pessoas recorrem para ler uma notícia, procurar informações, ou se divertir.

Para Thompson (2008), há uma indiscrição com a vida privada, conforme o processo de globalização se consolida. Podemos acessar instantaneamente a vida de qualquer ser humano na terra contanto que esse tenha e-mail ou alguma forma de receber informações, tal como o Grande Irmão tinha acesso à vida de todos os habitantes de Oceania. Da mesma forma, ele afirma que no século XVIII e XIX os jornais tinham uma linguagem complexa, de circulação restrita à elite intelectual.

Hoje um jornal descrito dessa maneira não vende, pois não agrada a massa. Não há mais exclusividade numa informação, a população além de absorvê-la deve consumi-la. Em *A Tirania da Comunicação*, Ramonet mostra como foi abordada a notícia da morte da Princesa Diana em detrimento de outros acontecimentos mais importantes para a sociedade que aconteceram concomitantemente. Tanto para Orwell quanto para Huxley, selecionavam-se as mensagens que viriam a público para que este ficasse à mercê do partido. As informações eram inúteis para alguns, mas era necessário assistir ao jornal da noite ou comparecer aos dois minutos de ódio senão o indivíduo se tornaria um subversivo.

A respeito da censura em 1984, esta era feita pela exclusão de conhecimento, como o protagonista responsável por apagar mensagens, imagens e outras informações. Ramonet (1999), tem uma opinião semelhante, mas o método é diferente. Para ele, na vida real oculta-se uma mensagem por uma adição de outras mensagens: a informação é dissimulada ou trucada porque esta é encontrada em abundância para ser consumida, por isso não se percebe aquela que falta. Essa idéia foi melhor sintetizada por Bourdieu (1997) na sua teoria dos fatos-ônibus: são aqueles postos na nossa frente para que não possamos ver o que está por trás e todos nós embarcamos por ser o mais atraente. Como o caso acima citado, a imagem da morte de Diana, foi amplamente exposta.

Num estado de direito, o estatuto da imagem é regulamentado para preservar a dignidade do ser humano. Contudo, esse regulamento tem sido burlado graças ao aprimoramento da tecnologia de captação de fotos e vídeos e ao avanço da dispersão de informação que deixa todos os indivíduos expostos. Em Oceania, os direitos civis foram cassados e com a teletela, todos os movimentos de uma pessoa podiam ser captados e enviados à central do Partido para que este determinasse se ela estava ou não sendo útil ao IngSoc. Já para Huxley, a população já tinha sido tão bem doutrinada em sua infância e desenvolvimento que não precisava ter a privacidade cassada para que fosse monitorada pelo Estado.

Esse é um chamado de alerta para o perigo de governos utilizar os recuos que a internet oferece para controle estatal, pois pode haver situações em que a instituição estatal pode estar representada virtualmente. Para Paul Virilizo:

a cibernética é a própria tirania, a maior de todas. Norbert Wiener, quando inventou a primeira cibernética, avisou: "atenção, é preciso evitar a cibernética política pois ela é pior que Hitler" É pior que todos os tiranos. Orwell esboçou em sua ficção, os traços dessa tirania inusitada. Quando

falo do pior, significa que existe o risco (...) do fim dos direitos e das liberdades públicas. (VIRILIO, 2001, pág. 9)

Dessa maneira os líderes políticos utilizam essa poderosa ferramenta para obter aprovação pública e legitimação de seus atos. Essa ideia é válida tanto para governos democraticamente eleitos quanto para os autoritários. Machado retoma as ideias trabalhadas no capítulo anterior quando chama a atenção para esse procedimento estatal:

As ditaduras perfeitas combinam a imposição dos detentores do poder com a adesão – assentimento – dos dominados. Nisso há condicionamento, introjeção da submissão e normalização das consciências (MACHADO, 2006, pág. 99)

A seguir será apresentada a maneira como podemos constatar linhas de relação disso na internet através da ferramenta de busca Google e da rede social Facebook.

Podemos concluir que o texto de Orwell versa a respeito de um regime muito diferente do nosso, pois estamos inseridos numa realidade capitalista neoliberal com livre iniciativa. Vale retomar que no livro apenas a casta marginal, os proles, poderiam ter seus pequenos comércios e, mesmo assim, longe dos olhos do partido. Afinal, quando se tem um negócio próprio, os interesses pessoais podem divergir dos interesses do Estado.

3. A VIGILÂNCIA E O CONTROLE NA INTERNET

No capítulo anterior, foi apresentada a configuração de uma realidade totalitária ficcional a partir da visão de mundo de um romancista. A partir desse capítulo, serão apresentados os pontos de intersecção com a internet e que diz respeito a não ficção.

Podemos notar que a internet trouxe uma maior disseminação da participação popular. Analisa-se, assim, a ferramenta de busca do Google, a parte financeira do Facebook, como as informações disponibilizadas pelas pessoas que utilizam a rede são direcionadas pelas ferramentas de busca para promover certos anunciantes e, por fim, o envolvimento do Estado com as questões de privacidade.

3.1 As rede sociais como ferramenta de expressão

Há alguns anos o Orkut era principal rede social brasileira. A estrutura era diferente da do Facebook, pois víamos apenas um perfil de cada vez. Porém levanta-se a hipótese de que, quando houve uma utilização mais expressiva no Orkut dos usuários da classe C, os outros usuários migraram para o Facebook.

A linguagem utilizada na internet como um todo é a linguagem de abreviação, muito utilizada também em outras mídias sociais como o Twitter. Essa linguagem permite ao usuário escrever mais rápido e utilizando menos caracteres, mas é também uma linguagem que tolhe o vocabulário. Podemos comparar com o descrito no capítulo anterior a respeito da novíngua.

Para Pereira,

Conforme comentado anteriormente, a popularização da internet como meio de comunicação entre pessoas acarretou em variações na maneira de as pessoas escreverem coloquialmente online (...) para acelerar a digitação, “qu” vira “k”, “ch” vira “x”, a pontuação perde importância, acentos são ignorados ou substituídos por “h”, etc. Abusa-se também dos *emoticons* para se expressar estados de espírito com rapidez. (PEREIRA, 2004, pág. 89)

O estudo que este autor fez era com relação à linguagem utilizada pela tribo Emo na rede social Orkut, porém pode ser comparada com a linguagem utilizada na ferramenta de internet Facebook.

Essa linguagem acelerada reflete tanto a aceleração da informação percebida pelos usuários quanto o espaço que eles possuem para escrever. Tanto as mensagens SMS dos celulares quanto a rede social Twitter³, por exemplo, utilizam em suas mensagens o máximo respectivo de 150 e 140 caracteres, sendo atraente, portanto, uma linguagem em código curto para uma melhor expressão durante o diálogo.

Ao contrário da estrutura do Estado de Orwell, temos, no Facebook e no Twitter ferramentas de denúncia para temas que geram discussão ou provocam debate, (exemplo a seguir na figura 1). Esse grupo participante das redes sociais é consciente dos problemas de seu meio e está disposto a utilizar essa ferramenta para discutir essas situações.

Por ser uma mídia que atinge muitas pessoas e nos estimula a expressar nossos sentimentos, o Facebook também pode servir como ferramenta de denúncia para os usuários. Podemos ver com frequência pessoas divulgando fotos de protestos ou publicando em seus murais links para páginas de relevância política como se pode verificar na imagem abaixo, na qual se apresenta uma crítica ao conflito no Oriente Médio, mais especificamente às mudanças ocorridas ao longo dos anos nas áreas em disputa e ocupadas por israelenses e palestinos:

³ O Twitter é uma rede social ou microblog que permite aos usuários o envio de “tweets”, ou seja, mensagens de até 140 caracteres. Essa rede foi lançada na internet em março de 2006 e tem 500 milhões de usuários. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>, acessado em 17/11/12 às 15:15.

Figura 1: Comentário a respeito da Faixa de Gaza



Essas manifestações são reflexo de dois fatores: o primeiro, claramente, é a expressão própria da opinião do indivíduo. O segundo é a questão de pertencimento a um grupo, no caso da política, provavelmente aqueles usuários que divulgam suas preferências também estão buscando encontrar aqueles que partilham das mesmas idéias. Curiosamente, como citado no capítulo anterior, podemos perceber que o usuário está preocupado com um conflito distante de sua realidade, podendo talvez, dar menor atenção a problemas mais próximos de si.

Apesar de o Facebook não ter ferramentas de grupos agregadores, há indivíduos que divulgam informações com mais relevância e por isso tem mais acessos. Para Pierre Lévy:

Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Hoje em dia a palavra viva, as palavras que “se perdem no vento”, destaca-se sobre o fundo de um imenso corpus de textos “os escritos que permanecem. (Lévy, 1993, pág. 77)

Este é o momento em que as pessoas podem ter suas reclamações ouvidas e seus desejos atendidos, ou seja a construção de uma identidade coletiva ou até

mesmo, uma situação problemática pode ser resolvida com o diálogo de grupo. Porém isso também pode se voltar contra os usuários. Recuero (2010) afirma que pode-se comparar as formas benignas de cooperação entre usuários como as malignas quando algumas redes sociais são utilizadas por organizações criminosas como forma de espalhar uma mensagem ou arregimentar partidários.

Outro ponto negativo da utilização das redes sociais é que, para Teixeira Coelho, em *O que é a Indústria Cultural?*, para se sentir parte da rede nos interessamos pelas informações mais rudimentares, primitivas, como morte de celebridades, e isso tende a deixar as pessoas menos interessadas por assuntos realmente relevantes, e o autor diz que “a cultura desse equivalente ao ‘novo rico’ que é o ‘novo culto’.” (COELHO, 1980, pág. 7). Essa afirmação reflete a popularização da internet e conseqüentemente de assuntos leves e de fácil compreensão. Ou seja, neste caso, facilitando o acesso a tecnologia, facilita-se o acesso à informação, assim como um emergente econômico - que tem uma necessidade latente de consumo - um emergente intelectual apresenta uma necessidade de aquisição da informação, neste caso, sem julgar qualidade ou fonte.

Para Arendt, a massa não só aceita como busca uma realidade distorcida. Aquilo que se anuncia pelos meios de comunicação de uma maneira maquiada e espetacularizada é o que a massa aceita. Ela quer que o líder determine seu destino, pois ela não quer ter que escolher qual caminho tomar.

3.2 Breve comentário sobre a estrutura de busca do Google⁴

O Google é uma empresa multinacional sediada nos Estados Unidos que presta serviços de internet como busca na internet (Google Search), edição e arquivamento de documentos (Google Docs) e e-mail (Gmail).

O Google fez sucesso pois, segundo o documentário organizado pela National Geographic, seu sistema de busca é mais eficiente que dos outros sites (8'4") e também porque sua página é mais limpa, os seus anúncios não são distrativos como os de outros sites (11'54"), se baseiam apenas em textos publicitários (12'23").

⁴ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Google>>, acessado em 15/11/12 às 18:57.

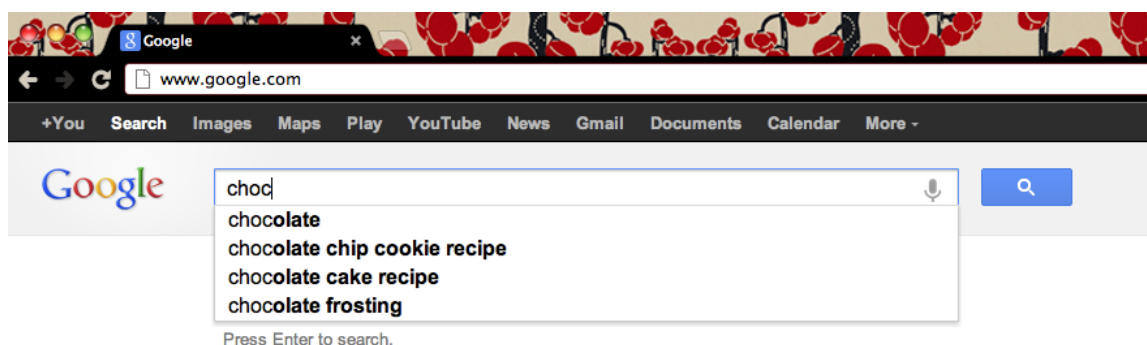
Seu faturamento anual é de US\$ 29,321 bilhões (2010) cuja principal receita é a publicidade feita através de páginas que pagam para ser bem ranqueadas nas buscas ou, por exemplo, através de anúncios para usuários do Gmail (14'32”).

A respeito de invasão de privacidade, esse vídeo afirma que quando o Google abriu um escritório na China para gerenciar seu site local, o governo chinês tomou medidas para bloquear certas buscas (35'11”). Mas como o Google não concordou plenamente com as medidas (31'48”), *hackeou* o site e encontrou informações de usuários (que eram ativistas anti-regime) (35'29”) nas suas respectivas contas de Gmail. Outro ponto importante do vídeo é que ele afirma que após os atentados de 11 de setembro, os usuários do Google podem ter suas informações disponíveis para o governo dos EUA (35'54”).

Esse documentário é uma evidência de que não temos como saber quais dados estão armazenados pela empresa e nem de que maneira serão utilizados, pois é surpreendente que nossas informações possam ser usadas das maneiras apresentadas no vídeo.

Quando fazemos buscas no Google nossas informações ficam armazenadas no navegador graças ao recurso “auto completar”. Esse recurso é uma ferramenta que ranqueia as buscas mais populares entre os usuários, afinal, muitas vezes escrevemos em português e surgem opções de busca em inglês ou em situações em que digitamos palavras simples e somos direcionados a assunto que estão sendo populares no momento. Por exemplo, se uma pessoa começa a escrever “CHOC” o Google completará com “CHOCOLATE”, como no exemplo abaixo.

Figura 2: barra de busca do Google exemplifica o comando “auto completar”



Conforme imagem, as opções apresentadas influenciam na decisão de busca do indivíduo e mostra que estamos vulneráveis, pois comprova que os termos que buscamos, caso sejam populares entre outros usuários, serão expostos para os que efetuarem a busca com um termo semelhante.

How autocomplete works

As you type, Google's algorithm predicts and displays search queries based on other users' search activities and the contents of web pages indexed by Google. If you're signed in to your Google Account and have Web History enabled, you might also see search queries from relevant searches that you've done in the past. In addition, Google+ profiles can sometimes appear in autocomplete when you [search for a person's name](#). Apart from the Google+ profiles that may appear, all of the predicted queries that are shown in the drop-down list have been typed previously by Google users or appear on the web.⁵

Além disso, a estrutura de busca do Google se tornou matriz para outros sites: estamos sob vigilância quando fazemos uma pesquisa no Facebook, pois quando buscamos amigos na barra de ferramentas, o site guarda essa informação e nos sugere pessoas que talvez conheçamos relacionada aos resultados de nossas buscas.

3.3 Breve histórico do Orkut⁶

Essa será uma análise meramente exemplificativa da rede social Orkut com intuito de apresentar o desenvolvimento do comportamento do internauta brasileiro.

Essa rede, criada em 24 de janeiro de 2004, tem como objetivo primeiro é conhecer pessoas e manter eventuais relacionamentos, para isso há no perfil quais os principais interesses pelo qual o usuário se inseriu na rede. O nome do site é originado do nome de seu criador, Orkut Büyükkökten.

A principal diferença entre essa rede social e o Facebook é que, no começo, não era possível ver o que mais de um usuário estava publicando ao mesmo tempo. Somente era possível visualizar um perfil de cada vez. Havia um momento, no

⁵ Disponível em <<http://support.google.com/websearch/bin/answer.py?hl=en&answer=106230>>, acessado em 21/11/12 às 11:40. Em tradução livre: “Como autocompletar funciona: enquanto você digita, o algoritmo do Google prevê e disponibiliza indagações baseadas em atividades de buscas de outros usuários e em conteúdo de páginas da web indexadas pelo Google. Se você se logou na sua conta do Google e tem seu histórico da web disponível, você também talvez veja indagações pesquisadas baseadas em buscas relevantes que você fez no passado. E também, aparece no auto completar do perfil do Google+ quando você busca pelo nome de uma pessoa. Além disso, perfis do Google+ podem aparecer, e todas as indagações previstas em uma lista que foi digitada previamente por usuários do Google ou apareceu na web.”

⁶ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>, acessado em 17/11/12 às 15:00.

entanto nas Comunidades em que podia se visualizar nos Fóruns o que vários usuários estavam discutindo ao mesmo tempo.

3.4 Breve histórico do Facebook⁷

O Facebook foi a rede social para a qual os usuários do Orkut migraram após uma maior popularização deste.

A ideia da criação do Facebook começou com Marro Zuckerberg, após invadir o site da Universidade de Harvard, na qual estudava, no final de 2003, para acessar as fotos dos cadastros das alunas, promoveu um concurso de beleza entre os alunos da universidade utilizando as imagens obtidas de modo ilícito. Como se pode notar, desde o início o criador do Facebook já tirava a privacidade das pessoas que faziam parte de um grupo ao mesmo tempo que queria ele próprio chamar atenção e se integrar com os colegas.

O Facebook (originalmente, thefacebook) é um sistema criado pelo então estudante americano Mark Zuckerberg enquanto aluno da Universidade de Harvard. Lançado em 2004, o Facebook tem hoje mais de 1 bilhão de usuários no mundo, consistindo, portanto, na maior rede social da atualidade.

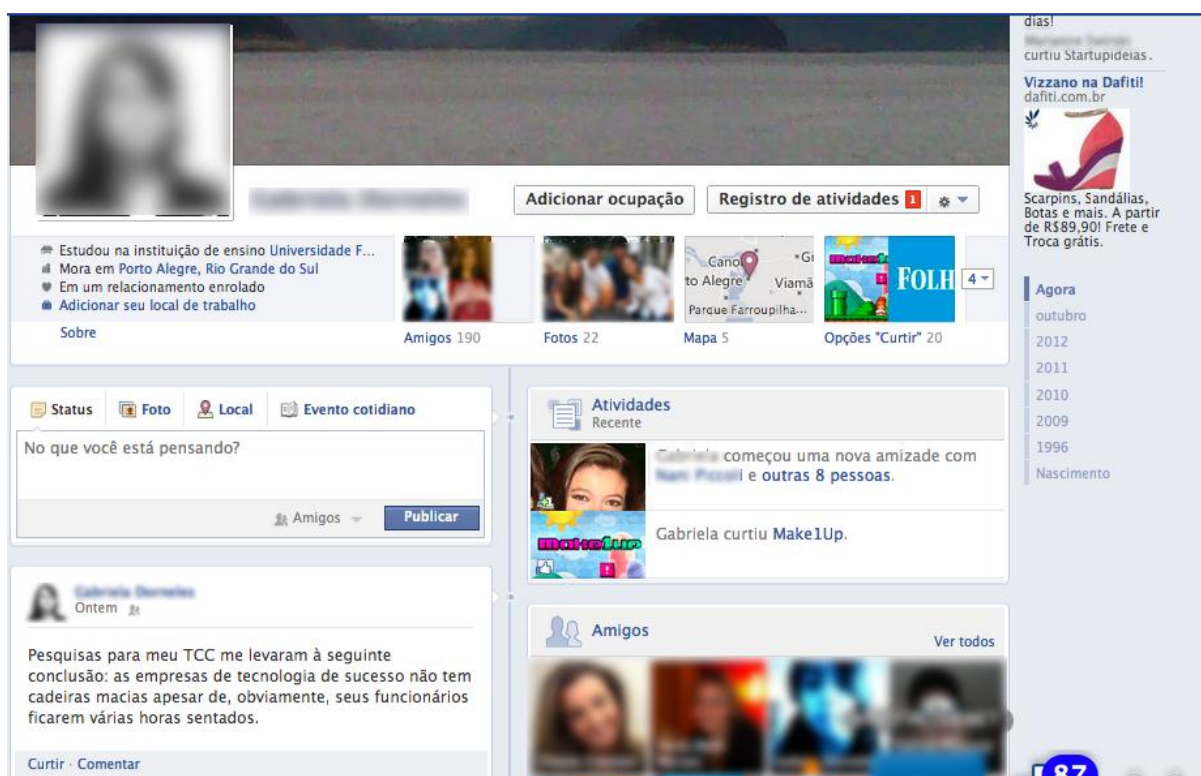
3.5 A ferramenta Facebook

Para ingressar no Facebook (fazer o primeiro *login*) é necessário ser maior de 13 anos, informar nome, sobrenome, gênero e endereço de e-mail. Além dos perfis pessoais, também é possível criar um perfil para banda, artista ou celebridade; instituição ou empresa; causa ou comunidade, entre outros tipos de identificação.

A figura 3 ilustra a página inicial de um usuário do Facebook.

⁷ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>, acessado em 20/11/12 às 20:30.

Figura 3:



Podemos ver na imagem acima a foto ou “avatar”, que é a imagem que a pessoa escolheu como capa da “linha do tempo”.

No campo “atividades recentes”, notamos a exposição a que o usuário está sujeito, pois ali são tornadas públicas todas as alterações no seu perfil de usuário. Como veremos a seguir, antes de a pessoa entrar na rede, não está especificado nos termos que essa ferramenta estará disponível para outros usuários. Outra maneira de o usuário ficar exposto é quando expõe suas preferências da opção “curtir” e quando actualiza onde está através do mapa (terceira imagem da esquerda para a direita).

Enquanto “actividades recentes”, na coluna central abaixo, dá conta de como o usuário age, a “linha do tempo” da conta de quais são as preferências pessoais daquele usuário: de quem se tornou amigos recentemente e o que ele “curtiu”.

Na ferramenta “linha do tempo”, à esquerda e abaixo, é onde o usuário expressa seus pensamentos, e onde aparecem os dados que compartilhou de outros usuários, podendo ser imagens ou textos. Essa ferramenta está subordinada às configurações iniciais da conta, ou seja, quando o indivíduo faz seu primeiro login ele se depara com três opções exemplificadas na imagem abaixo:

Na Figura 4 notamos três opções para o usuário que definem suas configurações de privacidade. No caso, se ele vai deixar sua linha do tempo e opiniões de “curtir” públicas ou apenas revelará aos amigos que seleccionou dentro da rede social, ou ainda personalizar quem poderá visualizar os itens publicados, isto é, seleccionar uma determinado grupo de usuários que poderá acessar a informação incluída na sua linha do tempo.

Figura 4:

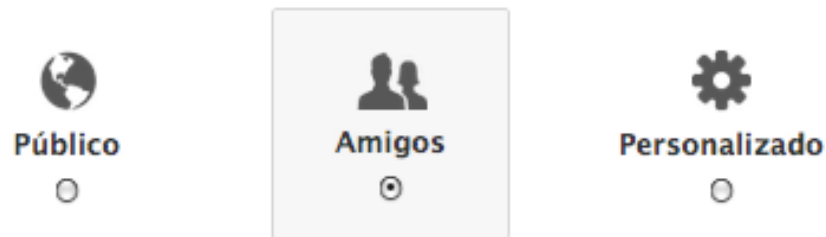


Figura 5: exemplo de página pessoal



Assim como na página em que somos vistos por outros usuários, essa é a página em que vemos nossos contatos.

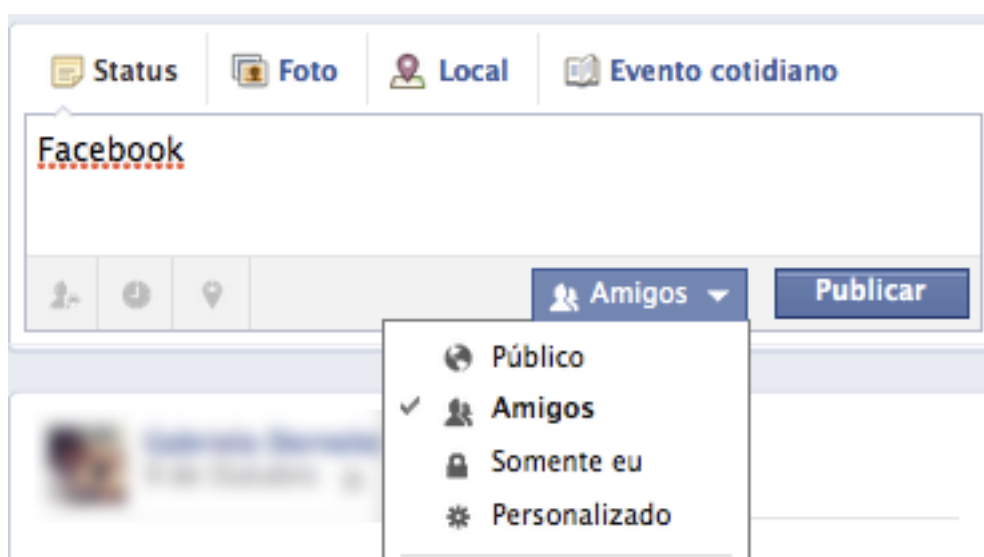
Nas opções a esquerda temos grupos de amigos que podemos compartilhar conteúdo e informações de maneira restrita.

Na parte de cima da barra direita interna, vemos os eventos e quem comparecerá. Essa opção, ao contrário dos grupos, é pública, ou seja, pode ser visualizada por qualquer usuário, inclusive pelos que não fazem parte da rede de contatos direta do indivíduo.

Há tres maneiras de acessarmos as atualizações e informações atuais dos outros usuários: a principal é o feed de notícias. Porém na barra da direita externa vemos um outro detalhe: a atualização de todos os passos dos amigos como de quem eles são amigos e o que eles “curtiram”

Existem diferentes níveis ou possibilidades de divulgação quando se publica uma imagem, um texto ou uma informação na linha do tempo do Facebook: “público”, “amigos”, “somente eu” ou “personalizado”, conforme exemplificado na Figura 6.

Figura 6:



Podemos inferir que, se uma pessoa entra no Facebook é porque ela quer compartilhar conteúdo e dificilmente escolherá a opção “somente eu”, pois a maioria das pessoas entra por causa do compartilhamento com os amigos

A responsabilidade sobre suas informações é de cada usuário e ele deve estar ciente disso quando seleciona a opção de divulgação pública. Mas deve ser questionado que mesmo que, mesmo se optar por bloquear a visibilidade das informações do perfil, os dados ali inseridos estarão disponíveis para os gerenciadores da rede Facebook.

Contudo não se sabe o que eles podem fazer com nossos dados uma vez que nos temos de compromisso não diz especificamente como a empresa armazena as informações do nosso perfil. Essa falta de privacidade pode ser um problema para os relacionamentos pessoais, pois, como os usuários expõem suas informações pessoais e detalhes de suas rotinas, faz com que os eventuais parceiros percam confiança na pessoa, bem como em relações de trabalho nas quais uma pessoa pode “dar um *like*” no perfil da empresa concorrente e sofrer represálias no seu ambiente de trabalho. Há os casos em que as empresas, no momento da seleção de seus funcionários, consultam o perfil do Facebook dos candidatos às vagas para verificar o comportamento como usuário de uma rede social, constituindo nisso um dos itens de avaliação para a seleção. “Esta é a Idade da Angústia, por força da implosão elétrica, que obriga ao compromisso e à participação, independentemente de qualquer ‘ponto de vista’” (McLuhan, 1974, pág. 19).

Conforme Ramonet na obra *A tirania da comunicação* (1999), e Bourdieu em *Sobre a televisão* (1997), o formato atual dos meios de comunicação gera alienação. Portanto, quando as novas ferramentas de comunicação promovidas pela internet instalaram-se, depararam-se com pessoas que se sentem pressionadas pelo meio social no qual convivem e, dessa forma, aceitam os termos e condições sem questionamentos e podem assim tornar seus dados vulneráveis a partir do momento que os expõe.

É possível que em determinados momentos o Facebook faça as vezes da teletela orwelliana e exponha o usuário à rede, tornando este alvo da observação constante dos demais usuários e dos gerenciadores da rede. Como no “*feed* de notícias” ou no bloco superior extremo direito em que mostra os passos dos usuários on-line, como, por exemplo, de quem eles solicitaram amizade ou o que “curtiram” em tempo real.

Deve-se, portanto, investigar a política de gerenciamento dos dados dos usuários e conseqüentemente a maneira como estes utilizam o Facebook para publicar seus dados.

Aceitamos os termos de compromisso sem ler num movimento de massa: como todos têm, não posso ficar excluído.

Na sociedade atual, ao contrário do cenário proposto por Orwell, no qual apenas o Grande Irmão, uma entidade centralizadora, vigiava os cidadãos, essas

novas tecnologias descentralizam a vigilância para todos os usuários: todos vigiam a todos num sistema difuso, ou seja, a vigilância não é mais unilateral e sim pulverizada entre os próprios vigiados que estão de acordo com esse sistema.

Nota-se na obra *1984*, que a visibilidade de um Estado policiado torna os indivíduos vulneráveis e, portanto, o excesso de poder interfere na vida dos cidadãos. O livro se passa numa realidade alternativa, mas podemos perceber que o Facebook é uma instituição que promove a visibilidade pessoal e, assim, se comporta como o Estado onisciente descrito na obra. Devemos, portanto, atentar a essa questão academicamente, pois é uma situação estabelecida e não mais uma suposição ficcional.

3.6 A publicidade no Facebook

O investimento dos anunciantes gera a principal fonte de renda do site. Os usuários que se interessarem pelos links comerciais em exposição clicam neles. Essa ação é registrada pelo anunciante que reverte em pagamento ao Facebook.

No Facebook, os difusores da informação são os próprios usuários, a informação se democratizou com a internet. Para explicar tal fenômeno, MACHADO cunhou as seguintes frases: “Todos se tornam criadores” (MACHADO, 2006, pág. 54) e “Cada grupo ou indivíduo é um link” (MACHADO, 2006, pág. 80), retomando as ideias apresentadas no subcapítulo 3.1 de que quanto mais acessível a tecnologia, mais acessível a informação, e no caso há uma dispersão de informações. Isso significa que as novas ferramentas proporcionaram a eles publicarem suas informações para que todos as divulguem. Não temos mais apenas um enunciador e vários reprodutores, mas vários enunciadores, vários produtores, vários compartilhadores, enfim, uma estrutura em rede.

Para Recuero,

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais) *apud Wasserman e Faust, 1999; Degenne e Forse, 1999*. Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. (RECUERO, 2010, pág. 24)

Assim como Machado (2006), em uma rede social, a informação pode passar pelo usuário da rede sem chamar atenção mas, como afirmado por Recuero, o

usuário pode se tornar ator e participar da construção de uma mensagem. É aí que entram, por exemplo, as propagandas políticas. Tal qual a ficção de Orwell, em que cartazes estavam em todos os lugares, foi possível observar que, durante as eleições municipais de 2012, o Facebook tornou-se uma vitrine, pois os candidatos postaram material de campanha e os usuários debateram suas propostas no espaço da rede social. Essa constatação se aproxima da afirmação de Machado: “Até os partidos políticos evoluem da propaganda à publicidade, do persuasivo ao sedutor” (MACHADO, 2006, pág. 62).

Ou seja, os usuários estão na rede para que se crie um vínculo com eles. Ao serem vistos, a divulgação pessoal pode também ir além da divulgação com interesse profissional, visto que “os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios” (MCLUHAN, 1974, pág. 89).

Há uma criação de uma imagem virtual na rede por parte dos usuários. Devemos levar em conta que a partir do momento em que criamos nosso perfil, estamos criando uma nova imagem na internet e, portanto, refletindo a nós mesmos em um gráfico num ambiente de outra realidade, independente de tempo e espaço.

Se pensarmos que quando Zuckerberg criou a rede Facebook ele tinha acesso a essas informações, pode-se concluir que os programadores ainda tem algum tipo acesso. Dessa forma, não se sabe em que condições o Facebook poderá usar esses dados, pois os Termos de Uso não demonstram clareza neste item.

Além disso, o site usa informações na ferramenta de busca para direcionar aos anúncios publicitários que tenham relação com o assunto. Por no exemplo abaixo: se o usuário está logado e faz uma pesquisa por termos de cuidados com aparência, um anúncio como tema aparecerá em seu perfil.

A Figura 7 demonstra a relação entre a razão do usuário que utilizou a opção “curtiu” do Facebook, tornando público para outros que Make1Up - um arquivo de vídeos tutoriais de maquiagem - é uma de suas preferências e tendo essa informação publicada em sua página inicial, surge um anúncio de uma marca de roupas e sapatos femininos. É dessa maneira que o filtro da rede social age: fazendo a ligação entre as preferências pessoais do indivíduo e os anúncios publicitários ligados a esses dados.

Figura 7:



Por sua vez, a Figura 8 ilustra a descrição do perfil de “Make1Up”, um videiras que possui tutoriais de maquiagem e discussões típicas do universo feminino.

Figura 8:



Já a Figura 9 mostra que o anúncio dirigido “Admiti” possui informações de catálogo de calçados e roupas femininos, portanto, focado nos usuários do gênero feminino que possuem interesse no consumo de itens voltados à moda e à estética. Também é possível inferir que a publicidade foi dirigida para seu público após seleção de grupo com potencial de consumo.

Figura 9:



A relação entre as informações divulgadas e os anúncios que surgem na página pessoal do usuário pode servir de alerta, pois, se nossos dados são utilizados por empresas para fins de consumo, podem ser utilizados por governos para fins de vigilância.

3.7 Segurança na internet

Neste subcapítulo serão descritos dois vídeos a respeito da disponibilização de dados na internet.

Um vídeo patrocinado por uma empresa de cartões de crédito na Bélgica mostra pessoas entrando na tenda de um vidente (0'17") que sabe diversos detalhes da vida de uma pessoa como número do cartão de crédito (1'17") e valor das compras que a pessoa fez naquele mês (1'25"). Então cai uma das cortinas da tenda e se encontram presentes diversos hackers invadindo os dados dessas pessoas (1'49").

É um vídeo que alerta para os perigos da disponibilização dos dados na internet e mostra como, nas mãos erradas, esses dados podem prejudicar os usuários.

"Sua vida inteira está on-line e isso pode ser usado contra você. Esteja vigilante" (2'13"), é a mensagem de encerramento.

Outro vídeo é uma versão brasileira organizada pelo Fantástico da Rede Globo que mostra a mesma situação do vídeo belga: pessoas entrando numa tenda e tendo sua vida e suas atividades "adivinhadas" por um ator. A cortina cai (3'25") e desvenda-se o mistério. No caso brasileiro, é importante observar que as pessoas que faziam o "truque", ao invés de hackers, eram especialistas em segurança de dados (4'27). O truque de ambos os vídeos é o seguinte: a pessoa disponibiliza dados como nome completo para um auxiliar fora da tenda (0'10" vídeo belga) e (4'22" vídeo brasileiro) esse repassa para as pessoas que farão a pesquisa.

Após, o Fantástico apresenta dois casos: o primeiro de um empresário que foi vítima de um golpe que consistia em um blog difamador que afirmava que aquela pessoa já havia falido várias vezes (6'30"). O Segundo consistia em um atleta que foi vítima de alguma pessoa que queria prejudicá-lo: fez 200 perfis falsos no Facebook e marcava compromisso dos quais o atleta não estava ciente (9'35").

Há um detalhe muito interessante, abordado no capítulo a seguir, que é o fato de que o blog difamatório do empresário não pôde ser tirado do ar, pois o servidor que abriga o endereço eletrônico fica na Califórnia, nos Estados Unidos, (7'19") o que está fora da jurisdição brasileira. Apesar disso, foi possível localizar o difamador, autor do blog, e prendê-lo em flagrante (8'02")

No vídeo do Fantástico, a fala da especialista Paula Chiamenti é muito relevante para este estudo, pois só disponibilizamos os dados primeiramente para compartilhar com os amigos mas também se achamos que estamos protegidos (10'05").

A última parte desse vídeo pode ser relacionada com a segunda em que um grupo de hacker utilizou os dados bancários roubados e desviou uma alta soma de dinheiro (10'43").

Nesse vídeo, o repórter afirma "está tudo na internet" para concluir a experiência e alertar os telespectadores (3'57").

O vídeo mostra que apesar de a internet ser benigna e divertida por disponibilizar diversas formas de entretenimento, ela também pode ser nociva se má utilizada, pois nela estão contidas informações pessoais vulneráveis a diversos tipos de ataques virtuais.

3.8 O envolvimento do Estado com o Facebook

Neste subcapítulo não serão feitas afirmações, apenas sugestões de como essa ferramenta da internet pode ser utilizada a partir do que foi exposto anteriormente. Também será abordada de maneira rápida a questão de o governo brasileiro interferir nas redes sociais para preservar a privacidade dos cidadãos.

Sempre tivemos nossa privacidade controlada pelas autoridades clássicas: estado, polícia, religião... Hoje mais do que nunca essas instituições estão misturadas. Actualmente, o poder simbólico do grupo interfere no comportamento do indivíduo afinal, graças às novas tecnologias e temos acesso a todas as pessoas e como consequência há uma opressão para aderirmos às redes sociais do momento. Essa novo traço cultural justifica a exposição a que os grupos sociais estão se sujeitando.

A questão aqui é: a empresa Facebook provavelmente só utiliza os dados dos usuários para fins comerciais, para "consumo próprio", porém ela pode ajudar os

governos a encontrar pessoas suspeitas, o que é bom, ajudar a justiça a solucionar crimes, mas a partir de que ponto passamos de vigiados a vulneráveis?

Quando uma pessoa cria seu perfil na rede, pode decidir se tornará suas atualizações públicas apenas para amigos ou para certas pessoas que ela escolherá. A questão tratada aqui é que mesmo sem escolher “público” entre as opções de configuração de perfil, qualquer outro usuário da rede pode acessar seus dados e saber onde você está, com quem e o que está fazendo e principalmente, a condição inerente à participação da rede é que os amestradores podem ter acesso a essas informações.

O governo brasileiro parece estar ciente desse risco a que o usuário está se expondo e como consequência dessa brecha no sistema, em 2011, o Ministério da Justiça notificou o Facebook por causa de um software de reconhecimento de faces.

Abaixo está reproduzida a nota do site do governo federal:

Facebook é notificado por denúncias de violação à privacidade

Brasília, 10/06/2011 (MJ) – O Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor (DPDC), do Ministério da Justiça, notificou o Facebook a prestar esclarecimentos sobre um novo sistema que reconhece pessoas automaticamente. A ferramenta possibilita aos usuários identificar seus amigos em fotos postadas no álbum pessoal, aumentando potencialmente a exposição da imagem dos usuários da rede.

O DPDC, diante ao que foi noticiado pela mídia esta semana, constatou que há indícios de ausência de consentimento dos usuários para a ativação da ferramenta.

Há ainda possível violação da privacidade e modificação unilateral sem aviso prévio dos termos de uso da rede social.

O Facebook tem dez dias corridos para responder a notificação. A empresa deve explicar ainda se as mudanças foram avisadas com antecedência aos usuários brasileiros e se há a possibilidade de aprovação prévia na identificação das fotografias.⁸

Essa medida mostra a importância da segurança estatal perante uma empresa estrangeira: como será comentado no próximo capítulo, nos termos e condições está claro que, ao ser processada, a empresa Facebook - cuja sede está localizada na Califórnia, nos Estados Unidos - fica numa posição confortável, pois é pouco provável que um indivíduo, apesar de ter direito e a disposição tradutores e defensores públicos, serviços prestados pelo governo brasileiro, decida processar a empresa.

⁸ Disponível em: <<http://mj.jusbrasil.com.br/noticias/2729143/facebook-e-notificado-por-denuncias-de-violacao-a-privacidade>>, acessado em 07/11/12, às 15:45.

Em outro momento, no dia 07/11 a Câmara dos Deputados aprovou dois projetos de lei que cerceiam os crimes de internet (Projetos de Lei 2.793/2011 e 84/1999), incluindo alterações no Código Penal. Além disso, está em discussão a criação do Marco Civil da Internet, essa lei tem o formato de cartilha que estabelece os princípios, as garantias, os direitos e os deveres dos usuários e das empresas de internet em território brasileiro. É possível dar atenção especial para o artigo 10, reproduzido abaixo que versa a respeito do uso e proteção das informações registradas.

Seção II

Da Guarda de Registros

Art. 10. A guarda e a disponibilização dos registros de conexão e de acesso a aplicações de Internet de que trata esta Lei devem atender à preservação da intimidade, vida privada, honra e imagem das partes direta ou indiretamente envolvidas.

§ 1º O provedor responsável pela guarda somente será obrigado a disponibilizar as informações que permitam a identificação do usuário mediante ordem judicial, na forma do disposto na Seção IV deste Capítulo.

§ 2º As medidas e procedimentos de segurança e sigilo devem ser informados pelo responsável pela provisão de serviços de conexão de forma clara e atender a padrões definidos em regulamento.

§ 3º A violação do dever de sigilo previsto no **caput** sujeita o infrator às sanções cíveis, criminais e administrativas previstas em lei.

Conclui-se que o estado reconhece a relevância do risco que estamos correndo e, para isso, sugere uma legislação específica. De fato deve haver uma regulamentação desse assunto.

Contudo podemos esperar uma fiscalização dos usuários do sistema para que não se ultrapasse os limites da jurisdição governamental a privacidade da população seja mantida. Tendo em vista que, assim como o estado pode monitorar suspeitos de crimes e, assim, punir os responsáveis por vazamento de dados, também pode monitorar cidadãos inocentes.

A seguir haverá uma análise dos termos e duas pesquisas de opinião a respeito da leitura do texto e da questão da privacidade

4. DOS TERMOS E CONDIÇÕES DE USO DO FACEBOOK

Conforme abordado nos capítulos anteriores, notamos que a internet torna nossos dados vulneráveis e nossa privacidade possível de ser violada. Neste capítulo será analisada na prática a maneira como o Facebook explora os limites do uso dos dados. Para isso buscou-se dois caminhos. O primeiro foi um questionário exploratório com o objetivo de verificar se os usuários conheciam os termos de uso do Facebook. O segundo passo foi a análise dos documentos de termos e condições de uso do referido site.

Os questionários foram aplicados em datas distintas, pois as perguntas não tem relação direta, portanto, não são necessariamente os mesmo indivíduos que responderam as perguntas da primeira e da segunda aplicação.

Justifica-se a modo de aplicação dos questionários pelo fato de a pessoa ler os termos não ser necessariamente um fator na mudança de comportamento desta perante o serviço prestado pelo Facebook. Como veremos adiante no subcapítulo 4.3, as regras de privacidade são relativamente subjetivas, podendo gerar interpretações diversas.

A metodologia utilizada foi a pesquisa quantitativa para verificar o número de entrevistados que davam atenção aos termos de uso.

4.1 Questionário entre usuários

Essas pesquisas seriam pré-testes, por isso foram realizadas de maneira informal, se uma tabulação estatística dos dados foi aplicada entre usuários do Facebook através de três pergunta aberta nos dias 25 e 27 de agosto. O questionário foi aplicado visando uma aproximação empírica do fenômeno estudado. O objetivo foi conhecer as posições dos usuários do Facebook quanto ao conhecimento sobre os documentos referentes aos termos e condições de uso dessa rede social.

A partir de uma amostra de 148 pessoas entre 18 e 25 anos, estivessem cursando o ensino superior ou fossem graduados o questionário foi enviado para aproximadamente 120 usuários e 30 responderam. Um pré-teste não foi considerado

necessário por se tratar de uma pergunta de fácil interpretação e a resposta dos entrevistados ser uma resposta objetiva.

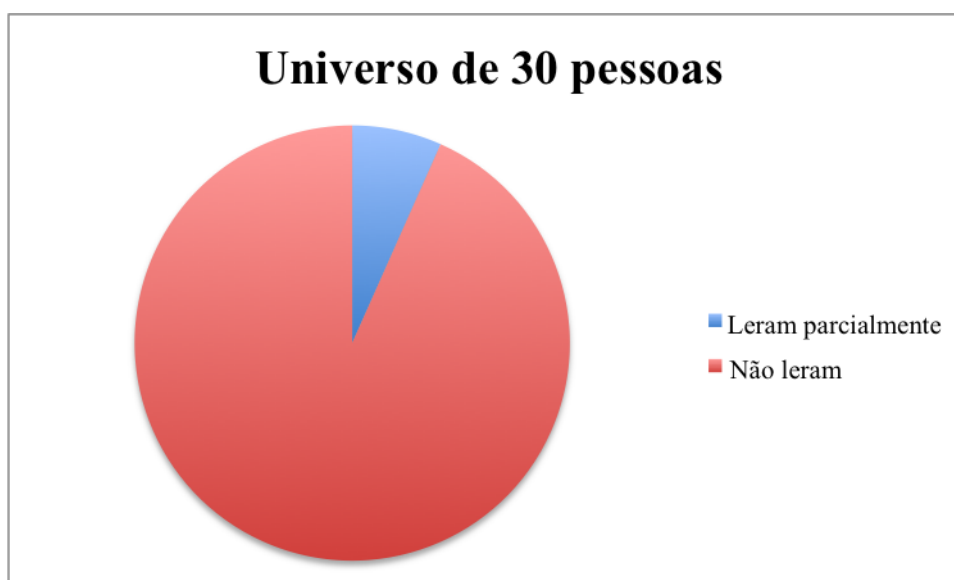
Esse perfil foi escolhido em função dos jovens formarem o maior número de usuários do Facebook e por que, em função da escolaridade, entende-se que esses jovens estejam mais preparados para entender os documentos aceitos no momento de sua inscrição no site. Trata-se de uma pesquisa de opinião e, por esse grupo ter respondido de maneira similar, informações como gênero e idade foram irrelevantes para o resultado obtido.

A pesquisa foi feita de maneira sigilosa, através de mensagem pessoal. O Facebook disponibiliza uma pesquisa pública para os usuários que funciona da seguinte maneira: um indivíduo publica o questionário em seu mural e é divulgado em sua rede de contatos as perguntas. Optou-se pela forma sigilosa, pois, claramente, a pergunta é a respeito de privacidade no próprio Facebook e alguns usuários poderiam não se sentir a vontade para manifestarem-se de forma pública.

A pergunta foi a seguinte: “Quando você entrou no Facebook, leu os Termos de Uso? Se sim, por quê? Se não, por quê?”

De uma amostra de 148 jovens entre 18 e 25 anos, houve 30 respostas, e dentre elas, 28 afirmaram não ler os termos de uso do Facebook e 2 leram parcialmente, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 1:



Esse desinteresse foi justificado por alguns como “o site parece ser confiável” outros afirmaram não ter tempo ou achar os termos em uma linguagem pouco acessível, como podemos ler abaixo:

A. D.

Olá!!

Não, eu não li. Porque em alguns outros sites, gmail por exemplo, eu já tinha lido. E são bem parecidos... parece só uma grande proteção contra processos judiciais.

B. H.

Não li! Questão de praticidade! Como todo mundo usa, não tem porque eu ler, não deve ter nada de muito comprometedor.

C. B. N.

Não, pois a maioria dos termos de uso vigentes em rede sempre traduzem a mesma coisa, tal como isenção de responsabilidade do site em relação ao conteúdo apresentado, de que todas as informações inseridas são de inteira responsabilidade do usuário, etc.

C. W.

R: Não,nunca leio os termos de uso,nem do Facebook ,nem quando instalo um programa.Pois li alguns e normalmente consistem em respeitar as normas de direitos autorais e comunicado que que eles não se responsabilizam por mau uso do mesmo.

L. A. M

Quando entrei no Facebook não li os termos de uso. Já conhecia os preceitos básicos do contrato de outras redes sociais e jogos online então não me dei ao trabalho de ler.

O ambiente virtual sempre teves regras comuns e amplamente conhecidas, a maior parte dos contratos só complica as mesmas nada além disso

L. G.

Não. Não li pois este parecia ser um site "confiável", de maneira que não achei necessária a leitura dos termos.

R. P.

não lembro...mas provavelmente não pois acreditava que se todos estavam entrando sem problemas não dava nada não ler.

Com esses comentários notamos que os indivíduos não vêem distinção nos textos de termos de uso ainda que, como notaremos mais adiante, sejam bastante coloquiais e tenham uma linguagem muito clara. Os motivos para não efetuar a leitura variam, mas sobretudo direcionam para uma confiabilidade prévia no Facebook, seja porque já participam de outras redes sociais, ou porque acreditam que outros leram e aceitaram os termos e isso os exime da leitura; seja porque entendem que as regras da internet são todas muito parecidas; ou em função da pouca paciência para essa leitura. Pode-se supor, contudo, que mesmo que apenas uma das pessoas questionadas tenha admitido a pressa e a ansiedade para entrar

na rede social e, por consequência para não ler os termos, talvez esse seja um motivo plausível para outros que não souberam explicar o exato motivo, tendo em vista que o próprio funcionamento da sociedade contemporânea está baseado na rapidez.

Na resposta de B. H. podemos retomar a questão apresentada no Capítulo 1 de pertença a um grupo. Supõe-se que essa pessoa acredita que se houver algum problema ou complicação no uso da rede afetará não só a ele, mas a todos. Em função disso ele acredita que não é preciso ler os termos.

Pode-se notar um padrão nas respostas abaixo que indicam que impera a preocupação financeira com os dados informados na rede:

C. G.

Não li os termos de uso. Na verdade só leio termos de uso de serviços pagos na internet. Se não envolve questões financeiras eu acabo não lendo, embora saiba que não se deve assinar contratos sem lê-los.

M. C.

claro que não, hehe
sempre tenho medo que me cobrem algo pela internet, mas eu tinha certeza pq não perguntava de cartão de crédito

S. B.

Não li, porque não achei que pudesse haver algo moralmente comprometedor ou que me causasse algum prejuízo financeiro

Assim é possível pressupor as pessoas questionadas, em sua maioria, confiam na instituição por não haver envolvimento financeiro e o fator privacidade fica em segundo plano, o que na verdade é incoerente, pois os dados informados são passíveis de má utilização.

É preciso considerar o fato de as pessoas não estarem tão acostumadas com essas mídias em comparação com outros serviços *off line* – por exemplo, quando contratamos um serviço bancário, em geral, lemos os termos antes de assinar. Outra consideração a fazer é que poucas pessoas sofreram algum tipo de prejuízo ou golpe através das redes sociais e é menor ainda o número de pessoas que sofreu sanções ou foi penalizada por ter desrespeitado algumas das regras da internet.

4.2 Pesquisa sobre a privacidade no Facebook

Em função do rico material proporcionado pelo primeiro questionário, entendemos que seria importante uma segunda rodada com mais uma pergunta aos internautas. A questão referia-se à privacidade no Facebook e foi elaborada buscando estabelecer relações com a abordagem feita anteriormente sobre os usos de dados pessoais dos participantes de redes sociais em outros ambientes e para outros fins.

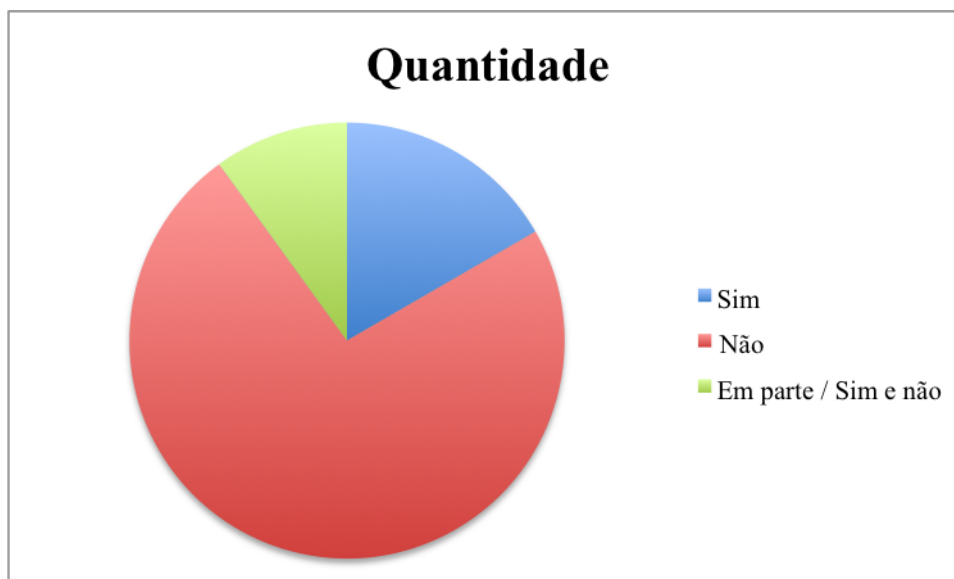
Esse segundo questionário foi aplicado entre usuários do Facebook nos dias 13 e 16 de outubro para determinar se as pessoas sentem sua privacidade violada. Temos pela segunda vez uma pesquisa feita com amostra aleatória de 35 pessoas, algumas são as mesmas da pesquisa anterior. Trata-se de uma pesquisa de opinião e, pelos mesmo motivos afirmados no questionário anterior, informações como gênero e idade foram irrelevantes para o resultado obtido.

Assim como o outro questionário, foi utilizada a pesquisa quantitativa para que a mensuração das informações fosse mais abrangente, ainda que essa pergunta a respeito da privacidade fosse mais subjetiva que aquela a respeito da leitura dos termos.

Um pré-teste não foi considerado necessário por se tratar de uma pergunta de fácil interpretação e a resposta dos entrevistados ser facilmente uma resposta objetiva.

O segundo questionário consistiu na seguinte pergunta: “Você sente a sua privacidade invadida ao usar o facebook? Sim? Não? Por quê?”, e o resultado pode ser visualizado no Gráfico 2, ilustrado abaixo.

Gráfico 2:



Das 30 respostas obtidas, apenas 5 afirmaram SIM para privacidade invadida, 22 afirmaram que não sentiam seus dados invadidos e 3 afirmaram que sentiam sua privacidade invadida “em parte” ou afirmaram “Sim e não”, que, a título de categorização será considerado na mesma categoria de “em parte”.

Porém foi unanimidade frases como “eu decido quais dados disponibilizar ou publicar” (como será visto a seguir), o que não foi diretamente perguntado. Ao que parece as pessoas têm consciência do uso que fazem do Facebook e das possibilidades diretas que ele oferece. Assim, entendem que eles têm a autonomia de bloquear as informações que desejarem considerando apenas sua relação com os demais usuários. Por outro lado, eles não têm consciência dos usos indiretos que seus dados podem ter através desse sistema. Ou seja, por confiarem nessa rede social, não se dão conta ou não mencionam o fato de que a empresa Facebook tem acesso total aos dados colocados na rede.

A. S.

NÃO. Digo, só publico o que eu quero publicar no meu facebook, e se mesmo assim me sentir invadida, posso bloquear tais e citações, quem vê meu perfil, etc. É um entretenimento, não deve ser um pesadelo.

J. F.

Não sinto minha privacidade invadida pois entendo que é o próprio usuário que limita ou não sua exposição em redes sociais. Seria um contrasenso sentir-me invadida à medida em que eu mesma optei em participar e seleciono aquilo que quero postar no facebook.

L. A. M.

Não sinto minha privacidade invadida. Pelo fato de entender que se divulgo minhas informações é em troca do serviço fornecido, no caso a possibilidade de interação digital

com outras pessoas e que se não concordasse apenas poderia não usar tal ferramenta social.

Ao que parece, alguns dos usuários sentem que controlam os dados que disponibilizam, porém, mesmo assim, cogitam que podem se sentir invadidos por diversas razões, mas principalmente pelo acesso aos seus dados por outros usuários da rede (amigos dos amigos), conforme relato a seguir:

A. C. A.

sim! porque eu dou informações sobre minha vida pra compartilhar com meus amigos, mas esse grupo de amigos acaba tendo de agrupar pessoas que não são tão próximas minhas, só por educação a gente adiciona, e daí tem que lidar com as participações dessas pessoas na nossa vida... por isso criaram os grupos, eu acho. são uma fuga disso.

Há casos, entretanto, em que a pessoa assume a responsabilidade pela escolha de participar da rede social e, conseqüentemente, por se expor:

J. V.

Apesar dos benefícios trazidos pela mídia (internet, televisão, rádio, etc.), principalmente no que se refere à comunicação, quando falamos em redes sociais (Facebook, no caso), sinto sim a minha privacidade invadida, mas, ao mesmo tempo, aderir a esta rede é opcional e pessoal, portanto, se eu não quero que o meu nome seja lido e que as minhas fotos sejam vistas, melhor seria que eu não tivesse acesso ao Facebook; a privacidade invadida a qual me refiro não me incomoda, pois também há que se ter cuidado e noção ao postar dados pessoais.

Já os usuários a seguir afirmam que não têm controle do uso que outros farão das informações que disponibilizam, pois, apesar de restringir a divulgação, entendem que a rede social é muito ampla e que a divulgação de suas opiniões pessoais pode sair do seu controle. Aqui encontramos uma referência ao acesso da empresa aos dados pessoais, ao mesmo tempo que o usuário mostra sua intenção de divulgar tais dados. Analisa-se agora as pessoas que responderam “Em parte/Sim e não”.

A. D. R.

Sim e não.

Sim ao passo que tudo o que eu postar está disponível na rede, se não para os usuários, ao menos para os administradores da rede, que têm acesso a todo e qualquer dado que eu insira na página.

Por outro lado, não sinto minha privacidade invadida porque tudo o que posto de maneira publica tenho a intenção de o fazer, ou seja, é minha intenção tornar público o que estou escrevendo, pois sei que outras pessoas, contatos meus ou não, podem ler o que escrevi/publiquei/divulguei.

P. C.

Sim e não. Sim porque ficamos expostos. Não, porque permitimos, é uma escolha pessoal o que colocar no perfil, o que compartilhar, etc.

I. M.

Em parte. Tenho cuidado com as informações que insiro no site, evitando expor dados que possam facilmente servir a indivíduos não bem-intencionados (local de trabalho, local de estudo, membros da família, lugares em que estive). A questão é que nem todos os a mim relacionados possuem tal nível de cuidado, e acabo sendo exposto de uma forma algo involuntária. De alguma maneira busco não me deixar afetar por tais atitudes ("Fulano disse que você mora em Pindamonhangaba" não recebe resposta, "Beltrano disse que você é seu tio-avô" igualmente, "Siclano marcou você em uma foto" infelizmente acaba sendo por vezes permitido em função de não soar deveras antisocial). Entretanto, é preciso ser cauteloso na forma de dosar o quanto me protejo para que não soe rude aos a mim relacionados ("Mas tu sempre com essa mania de perseguição", "Lá vem tu com essa teoria da conspiração", "Ninguém vai olhar teu Facebook e usar essas informações para te sequestrar"...). A exposição de informações sobre a minha pessoa sempre existiu e sempre existirá, mas o uso das redes sociais dá a isso uma dimensão maior e impede muito que eu possa dosar o alcance desse compartilhamento.

Esse último depoimento permite uma aproximação com o perfil da sociedade contemporânea que convive com a inevitável maior exposição de dados e de uma faixa etária que já nasceu nesse processo, mas mesmo assim entende que esse fenômeno tomou proporções maiores com as redes sociais. Apesar dessas drásticas transformações que alteram as realidades pessoais, os usuários tentam evitar o que o entrevistado chama de "teoria da conspiração".

O curioso é que o resultado quantitativo e percentual dessa pesquisa não foi relevante, pois na pergunta aberta todos os usuários entrevistados foram unânimes em afirmar, cada um da sua maneira, que cabe ao usuário a responsabilidade de compartilhar suas informações.

Outro ponto interessante foi a maneira como a pergunta foi respondida: no primeiro questionário, a respeito da leitura dos termos de uso por exemplo, um usuário afirmou (em tom zombeteiro, pois esse usuário possui ensino superior completo):

E. F. S.

Não

quando eu crier o facebook, eu não sabia ler

É possível notar que a resposta foi dada sem revisão, pois contém erros de digitação. E quando o mesmo usuário foi questionado sobre sua privacidade, a maneira como respondeu demonstra um certo tom de sarcasmo:

E. F. S.

Sim. Minha mãe fica comentando minhas fotos no face. É constrangedor.

Podemos concluir que, ao contrário da primeira pesquisa, em que parte dos usuários apenas se preocupavam com seus dados bancários, quando perguntados sobre a privacidade os usuários sentiram sua integridade de imagem vulnerável apesar de entenderem que têm responsabilidade sobre as próprias ações, pois o Facebook é uma ferramenta de propagação de informações e se deve selecionar o que se posta.

Ao contrário da primeira pesquisa, em que a maioria dos usuários não se preocupava em ler os termos do Facebook, e apenas alguns tinham preocupações relativas aos dados financeiros, quando perguntado, nessa segunda rodada, apenas sobre a privacidade os usuários sentiram sua integridade de imagem vulnerável apesar de entenderem que têm responsabilidade sobre as próprias ações.

Outro ponto a ser analisado é que, apesar de a maioria não ler os termos, eles colocam também outros usuários como eventuais responsáveis pela exposição de seus dados e a impossibilidade de controlar esse fenômeno.

4.3 Análise dos termos e condições para ingresso na rede social Facebook

Será feita uma análise crítica baseada na escola francesa, que sujeita o emissor da informação.

Primeiramente serão apresentados os termos de forma geral e sua estrutura de linguagem, para em seguida serem estudados em maior profundidade os artigos e parágrafos com mais relevância para a pesquisa. A partir de leitura atenta e interpretação com base nas bibliografias, esses fragmentos foram sendo interpretados e relacionados com o tema deste trabalho de pesquisa.

Essa análise crítica focar-se-á, principalmente, nos primeiros 6 artigos que tratam sobre o uso padrão da rede social e em função de serem mais relevantes para essa pesquisa. Salienta-se também que alguns parágrafos desviam do tema e são, em geral, muito ligados a área judicial ou da informática, por isso não serão analisados. É relevante um comentário: como os servidores localizam-se no estado da Califórnia, nos Estados Unidos e as ações judiciais só podem ser movidas nessa localidade, é muito difícil para qualquer pessoa que esteja se sentindo lesada dar andamento a um processo para reivindicar seus direitos. Precisar-se-á seguir as regras de um país estrangeiro o que torna quase inviável ter seu caso ser levado em frente.

O texto do termo de uso do Facebook é objetivo, pode ser comparado a um guia de funcionamento da rede social. Tem como emissor da informação a própria empresa Facebook e como público os interessados no sistema de funcionamento.

No momento da inscrição na rede podemos clicar no link relacionado aos termos de uso. Porém, após entrarmos na rede, não é mais possível acessar diretamente os termos para consultas eventuais: eles estão na página de Logon do site e não na página de perfil o que cria um impeditivo de consulta do usuário enquanto conectado a rede social. Temos acesso apenas à Política de Uso de Dados na parte de “configuração da conta”.

É importante informar que a análise feita aqui tem um viés crítico em relação aos termos de uso do Facebook para poder revelar aspectos implicados no uso dessa rede social que costumeiramente não são considerados.

1. Privacidade

Sua privacidade é muito importante para nós⁹

A primeira frase é direta, mas vaga, pois não explica o que o Facebook faz para manter a privacidade do usuário. Quando afirma “nós”, se refere à empresa com a qual o usuário está fechando um contrato. Porém quando afirma:

Elaboramos nossa [Política de uso de dados](#) para divulgar como você pode usar o Facebook para compartilhar com outros e como coletamos e podemos usar seu conteúdo e informações.

Está transferindo para o usuário a responsabilidade de como este utilizará os serviços prestados.

Aconselhamos que você leia a Política de uso de dados e a use como auxílio para tomar decisões com base nas informações fornecidas.

O restante do texto, apesar de conciso, direciona para outro documento, o que dificulta a navegação para o usuário e não esclarece diretamente a intenção do uso dos dados. Como notamos no capítulo anterior um dos usos dos dados é o uso comercial para anúncios dirigidos. Essa falta de clareza no discurso é o que faz com que o usuário perca interesse na leitura e aceite os termos sem a devida atenção. O texto vai se compondo de forma mais geral, deixando os aspectos mais específicos e que têm maior implicação para outro documento.

⁹ Este primeiro item e todos os seguintes analisados no presente subcapítulo estão disponíveis em: <<http://www.facebook.com/legal/terms>>, acessado em 15/11/12 às 16:00.

2. Compartilhando conteúdo e informações

Você é proprietário de todo o conteúdo e informações que publica no Facebook, e você pode controlar como eles serão compartilhados por meio das suas [configurações de privacidade](#) e [aplicativos](#).

Na realidade, o participante da rede social não pode controlar totalmente a circulação de seus dados, pois não há como impedir que outros participantes leiam o seu perfil e o citem em outro contexto. A ferramenta “compartilhar” é um exemplo: quando uma pessoa acessa o perfil de outra e vê uma informação interessante, pode compartilhar. Na primeira frase deve ser feita uma observação: o Facebook delimita a maneira como os dados serão utilizados, pois ele criou as configurações para o usuário.

(...) Além disso:

1. Para o conteúdo coberto pelas leis de direitos de propriedade intelectual, como fotos e vídeo (conteúdo IP), você nos concede especificamente a seguinte permissão, sujeita às [configurações de privacidade](#) e [aplicativos](#): você nos concede uma licença mundial não exclusiva, transferível, sublicenciável, livre de royalties, para usar qualquer conteúdo IP publicado por você ou associado ao Facebook (Licença IP). Essa Licença IP termina quando você exclui seu conteúdo IP ou sua conta, a menos que seu conteúdo tenha sido compartilhado com outros e eles não o tenham excluído.
2. Ao excluir um conteúdo IP, ele é excluído de maneira similar ao esvaziamento da lixeira do computador. No entanto, entenda que o conteúdo removido pode permanecer em cópias de backup por um período razoável (mas não estará disponível para outros).

Podemos notar, no primeiro parágrafo, que o Facebook faz parecer positivo que o usuário esteja livre de pagar pelo uso de propriedade intelectual apesar de deixar claro que o fato de as sugestões de melhoria não trazerem compensação financeira, ou seja, o usuário utiliza a rede de forma gratuita mas não tem compensação financeira se a rede utilizar ideias que o usuário lhe fornecer.

Esses parágrafos são intrigantes, visto que, por um lado dizem que o usuário está dando permissão à empresa para usar qualquer tipo de conteúdo IP do seu perfil. Não explicita como esses dados poderão ser usados, nem impõe qualquer restrição de uso. O usuário poderá suspender essa licença ao se desassociar ao Facebook. Por outro lado, afirmam que a empresa está alheia ao que os outros usuários farão com seus dados após sua saída. Dessa forma, o usuário não tem qualquer controle sobre o seu conteúdo IP, inclusive depois de excluir sua conta do Facebook. Como se não fosse responsabilidade dela a privacidade individual.

No momento em que o Facebook afirma no terceiro parágrafo:

“Exigimos que os aplicativos respeitem a sua privacidade”

Devemos nos perguntar: como é feita a fiscalização? O que implica esse “respeito à privacidade”? Entra então um novo direcionamento, para o link da política de uso de dados, o que cria uma barreira para o leitor.

(...)

4. Ao publicar o conteúdo ou informações usando a opção Público, significa que você permite que todos, incluindo pessoas fora do Facebook, acessem e usem essas informações e as associem a você (isto é, seu nome e a foto do perfil).

Nota-se que este é o primeiro parágrafo que afirma claramente que estamos num sistema de irradiação de informações, ou seja, apesar de ainda haver uma instituição que concentra as informações (Facebook, no caso), todos estão olhando para todos e todos estão se expondo para todos.

5. Somos sempre gratos por seus comentários ou outras sugestões sobre o Facebook, mas entenda que podemos usá-los sem qualquer obrigação de compensar você por eles (assim como você não tem a obrigação de oferecê-los).

Observa-se que a relação não é simétrica: uma empresa que preza tanto pela propriedade intelectual crê que a partir do momento em que a utilizamos, tornamos públicos nossos pensamentos. Interessante notar a interação de público e privado.

3. Segurança

Nos empenhamos ao máximo para manter o Facebook seguro, mas não podemos garantir isso. Precisamos da sua ajuda para manter o Facebook seguro, o que inclui os seguintes compromissos de sua parte:

É preciso observar que nos questionários aplicados pudemos perceber que os usuários expressaram um grau considerável de segurança em relação ao que a rede social oferecia. Contudo, nesse item dos termos de uso a empresa está dizendo que não pode garantir a segurança, responsabilizando o usuário por isso por meio de suas atitudes, comportamentos e ações na rede. Nota-se que nessa frase o Facebook não explicita como torna a rede social segura e, principalmente, se mostra ativo na tarefa de proteger seus usuários. Logo a seguir apresenta uma falta de coerência com o Artigo 5 que transfere os termos de proteção a outras pessoas pois é afirmado que é responsabilidade de cada um que os direitos e deveres alheios sejam respeitados, logo após se exime da responsabilidade em casos de mau uso das informações em casos de brechas na segurança:

Precisamos da sua ajuda para manter o Facebook seguro,

1. (...)
2. Você não coletará conteúdo ou informações de usuários, ou acessará o Facebook de outra forma, usando meios automáticos (como boas de coleta, robôs, spiders ou scrapers) sem nossa permissão prévia.

Essa regra é curiosa, pois ele próprio disponibiliza ferramentas de pesquisa para que os perfis dos usuários sejam visualizados.

3. Você não fará parte de marketing multinível ilegal, como um esquema de pirâmide, no Facebook.

(...)

9. Você seguirá nossas [Diretrizes de promoções](#) e todas as leis aplicáveis se publicar ou oferecer concursos, brindes ou jogos de apostas (“promoção”) no Facebook.

(...)

Observa-se também o outro link que leva as diretrizes de promoções, ou seja, o Facebook não tem objetividade para apresentar a seus usuários como é o funcionamento de sua principal receita: os anúncios.

Este artigo é meramente informativo, mas pode sugerir outras formas de intimidação ou violação de informações.

4. Registro e segurança da conta

Os usuários do Facebook fornecem seus nomes e informações reais, e precisamos da sua ajuda para que isso continue assim. Estes são alguns compromissos que você firma conosco em relação ao registro e à manutenção da segurança de sua conta:

1. Você não irá fornecer qualquer informação pessoal falsa no Facebook, nem criar uma conta para ninguém além de si mesmo sem permissão.
2. Você não deve criar mais de uma conta pessoal.

A verificação dos dados ou da conta falsa é muito remota, como citado no capítulo anterior no caso do lutador que foi vítima de uma ação em que o malfeitor criou 200 perfis falsos.

3. Se desativarmos sua conta, você não deverá criar outra sem nossa permissão.

Pode-se supor então, que é possível, como consequência do analisado no primeiro parágrafo, criar um perfil falso.

4. Você não deve usar sua linha do tempo pessoal para seu próprio ganho comercial (como a venda de sua atualização de status para um anunciante).

É possível que o Facebook não queira gerar uma concorrência, como apresentado no artigo 3.

(...)

7. Você deve manter suas informações de contato precisas e atualizadas.

8. Você não deve compartilhar sua senha (ou, no caso de desenvolvedores, sua chave secreta), deixar alguém acessar sua conta ou fazer qualquer outra coisa que possa comprometer a segurança de sua conta.

9. Você não deve transferir sua conta (incluindo qualquer página ou aplicativo administrado por você) para ninguém sem primeiro obter nossa permissão por escrito.

Para os três casos acima as perguntas plausíveis são: Por quê? O que vai acontecer se o usuário não mantiver os dados em dia?

10. Se você selecionar um nome de usuário ou identificador similar para sua conta ou página, nós nos reservaremos o direito de remover ou recuperá-lo se considerarmos adequado (por exemplo, quando um proprietário de uma marca comercial reclamar de um nome de usuário que não tem qualquer relação com o nome real do usuário).

Não está claro como é esse tipo de situação, nem sob quais características dois nomes são similares. Principalmente a frase dentro dos parênteses não é objetiva para o usuário compreender em qual situação ele está exposto.

5. Proteção dos direitos de outras pessoas

Nós respeitamos os direitos de outras pessoas, e esperamos que você faça o mesmo.

A primeira frase desse artigo é muito vaga e dá abertura a diversas interpretações, por exemplo, a quais direitos ela se refere? Aos praticados na Califórnia, sede do Facebook, ou aos estabelecidos por “bom-senso”? Ou ainda, podemos nos questionar apenas aos direitos e deveres citados nestes termos?

1. Você não deve publicar conteúdo ou tomar qualquer atitude no Facebook que infrinja ou viole os direitos alheios ou a lei.

O Parágrafo 1 menciona infrações à lei, contudo, mais adiante, nos artigos finais, notamos que estamos sujeitos às leis do estado da Califórnia, nos Estados Unidos, pois é lá que se situa a sede da empresa Facebook.

2. Nós podemos remover qualquer conteúdo ou informações publicadas por você no Facebook se julgarmos que isso viola esta declaração ou nossas políticas.

O parágrafo 2 é bastante explícito ao mostrar a posição autoritária do Facebook com relação ao controle das informações que seus usuários inserem em seu banco de dados, conforme comentado no primeiro capítulo, de que o usuário depende das decisões da instituição.

3. Nós fornecemos a você as ferramentas para ajudá-lo a proteger seus direitos de propriedade intelectual. Para saber mais, acesse nossa página Como denunciar reclamações de infrações de propriedade intelectual.
4. Se removermos seu conteúdo por infringir os direitos autorais de alguém, e você acredita que o removemos por engano, forneceremos a você a oportunidade de recorrer.
5. Se você violar repetidamente os direitos de propriedade intelectual de outras pessoas, desativaremos sua conta quando julgarmos apropriado.

Os parágrafos acima mencionam o que já foi analisado no artigo anterior, mas é interessante notar novamente a ideia de que a empresa tem de propriedade intelectual e a relatividade das infrações à lei. Contudo, mais adiante, nos artigos finais, notamos que estamos sujeitos às leis do estado da Califórnia, nos Estados Unidos, pois é lá que se situa a sede da empresa Facebook. O parágrafo 5 mostra o quanto estamos vulneráveis: caso um indivíduo sinta sua propriedade intelectual invadida, terá de esperar o julgamento do Facebook para a retirada das informações nocivas.

6. Você não deve usar nossos direitos autorais ou marcas registradas (incluindo Facebook, os logotipos Facebook e F, FB, Face, Cutucar, Livro e Mural), ou qualquer marca semelhante que possa causar confusão, exceto quando expressamente autorizado por nossas Diretrizes de uso de marcas ou com nossa permissão prévia por escrito.

A parte irônica do parágrafo 6 é que os símbolos que a instituição afirma que deveriam ter a propriedade respeitada e somente ser usadas com autorização, são utilizadas amplamente, inclusive em sites que lucram com divulgação própria, mas sem qualquer tipo de reversão monetária para o Facebook, além obviamente da divulgação gratuita do site. Ou seja, os termos são falhos para os usuários, mas mesmo assim se revertem em algo positivo para o Facebook.

7. Se for coletar informações de usuários, você deverá: obter seu consentimento, deixar claro que é você (e não o Facebook) quem está coletando as informações e publicar uma política de privacidade explicando quais informações serão coletadas e como elas serão usadas.

Este parágrafo está relacionado diretamente com a maneira como a pesquisa foi aplicada: a partir do momento em que se faz um questionário em que a resposta

é pública, é mais fácil para outros usuários coletarem a informação, por isso o questionário dessa pesquisa foi feito por mensagem privada, para que os pesquisados não sentissem sua privacidade invadida apesar da coleta de informações. Logo a seguir o Facebook chama atenção para dados íntimos:

8. Você não deve publicar documentos de identificação ou informações financeiras confidenciais de ninguém no Facebook.
9. Você não deve marcar usuários nem enviar convites por e-mail para não usuários sem o consentimento deles. O Facebook oferece ferramentas de denúncia social para permitir que os usuários comentem sobre a marcação.

Mostra o mesmo tipo de vulnerabilidade com relação a intimidação ou violação de informações, pode-se inclusive retomar o afirmado no começo dos termos: a segurança e privacidade são importantes para a empresa, mas o usuário é quem tem a responsabilidade de saber qual a repercussão daquilo que posta.

6. Celular e outros dispositivos móveis

(...)

2. Caso altere ou desative seu número de telefone celular, você deverá atualizar as informações de sua conta no Facebook dentro de 48 horas para garantir que suas mensagens não sejam enviadas para a pessoa que adquirir seu número antigo.
3. Você consente e fornece todos os direitos necessários para permitir que os usuários sincronizem (incluindo através de um aplicativo) seus dispositivos com quaisquer informações visíveis a eles no Facebook.

O último artigo a ser analisado insinua, no parágrafo 2, que o Facebook pode rastrear os usuários, pois, solicita que o número de celular deve ser atualizado na página quando trocado. Este tipo de precedente fere a privacidade dos indivíduos e pode ser usado, conseqüentemente, para a publicidade específica como constatado no capítulo anterior.

No parágrafo 3, afirma-se que é permitido a outros usuários o contato com o número telefônico divulgado nas informações do usuário, porém não há uma descrição de como é possível selecionar quais usuários terão acesso a essa informação. Pode-se temer a questão da invasão de privacidade, pois, a partir do momento em que nossos dados estão disponíveis para terceiros sem a opção de qualquer tipo de filtro, é possível que o usuário esteja vulnerável a situações indesejadas.

Esse comportamento – que o Facebook espera que o usuário tenha – influencia para que ele não deixe de ter envolvimento com a instituição.

4.4 Análise dos termos de uso dos dados

A seguir serão analisados os Termos de Uso de Dados, um desdobramento dos Termos e Condições para entrada no Facebook:

- **Informações que você opta por compartilhar**

(...) quando você publica uma atualização de status, carrega uma foto ou comenta sobre a história de um amigo.

Também inclui as informações que você opta por compartilhar quando executa uma ação, como adicionar um amigo, curtir uma página ou site, adicionar um local à sua história, encontrar amigos usando nossos importadores de contatos ou indicar que você está em um relacionamento.¹⁰

Como o citado no capítulo 3 durante a apresentação da página inicial do Facebook, essa é uma afirmação meramente descritiva.

Seu nome, fotos do perfil, fotos de capa, sexo, redes, nome de usuário e ID de usuário são tratados como qualquer informação que você opte por tornar pública. [Saiba mais](#).

O termo desse texto afirma que praticamente tudo que postamos na rede social está salvo, mas não é informativo o suficiente para responder uma simples pergunta: o que a empresa Facebook faz com essas informações?

- **Informações públicas**

(...)

Optar por tornar suas informações públicas também pode significar que essas informações:

- podem ser associadas a você (isto é, seu nome, fotos do perfil, fotos de capa, linha do tempo, ID de usuário, nome de usuário etc.) mesmo fora do Facebook;
- podem aparecer quando alguém faz uma pesquisa no Facebook ou em um mecanismo de pesquisa público; estarão acessíveis a jogos, aplicativos e sites do Facebook que você e seus amigos usam;

É negativo para o Facebook que apenas nesse desdobramento dos termos de uso ele afirme que nossa identidade e informações que podem levar à nossa página pessoal, pois quando escolhemos que apenas nossos amigos ou pessoas próximas de nossa convivência sejam os únicos a ter acesso a essas informações, não esperamos que a rede social considere esses dados públicos de qualquer maneira.

¹⁰ Este item e todos os demais analisados no presente subcapítulo estão disponíveis em: <<http://www.facebook.com/about/privacy/your-info>>, acessado em 17/11/12 às 10:59.

Como usamos as informações que recebemos

Usamos as informações que recebemos sobre você em relação aos serviços e recursos que fornecemos a você e a outros usuários, como seus amigos, nossos parceiros, os anunciantes que compram anúncios no site e os desenvolvedores que criam os jogos, aplicativos e sites que você usa.

Não está explicitado quem são essas pessoas, empresas ou instituições. Mas como se pode notar no subcapítulo 3.5, nossas informações podem ser usadas para filtrar anúncios que se encaixem no perfil de consumidor do usuário.

Por exemplo, podemos usar as informações que recebemos sobre você:

- como parte de nossos esforços para manter os produtos, serviços e integrações do Facebook seguros e protegidos;

Pode-se perceber que a descrição ainda está vaga: protegidos de que tipo de ameaça? Seguros de que maneira?

- para proteger os direitos ou propriedades do Facebook e de outros;

Protege os direitos de que outros? Os direitos de terceiros podem se sobrepor aos dos usuários do Facebook? Não há informações suficientes no texto para esclarecer essas questões.

- para fornecer recursos e serviços de localização, como informar você e seus amigos quando algo está acontecendo nas redondezas;

Esse serviço é uma comprovação de que estamos sob vigilância, pois essa ferramenta funciona como câmeras de segurança, ao utilizá-la pode-se perceber o exato local em que o utilizador se encontra. Tal como as câmeras são utilizadas para comprovar a presença do indivíduo em situações judiciais é possível que um dia se faça o mesmo através dessa tecnologia?

- avaliar ou saber a eficiência dos anúncios que você e outras pessoas vêem, incluindo fornecer anúncios relevantes para você;

Essa é uma demonstração da afirmação do subcapítulo 3.6. Há, de fato, uma pesquisa das páginas que as pessoas frequentam, conforme afirma o item acima.

- para fazer sugestões para você e outros usuários do Facebook, como: sugerir que seu amigo use nosso importador de contatos porque você encontrou amigos

É o caso da sugestão de amigos que podem conhecer você. Um recurso da página é a indicação de pessoas que podem ter alguma conexão com o usuário baseado em informações ou interesses em comum que os dois compartilham.

- para operações internas, que incluem correção de erros, análise de dados, testes, pesquisa, desenvolvimento e melhoria do serviço.

É uma das poucas coisas que podem de fato justificar o uso sem autorização dos dados dos indivíduos, pois se as pessoas buscam a rede social, é de interesse delas que o site funcione com eficiência.

Sua confiança é importante para nós, e é por isso que não compartilhamos informações sobre você com outros a menos que tenhamos:

- recebido sua permissão;
- notificado você, informando-o nesta política

Como se pode concluir a partir das respostas dadas no questionário apresentado no subcapítulo 4.2, a grande maioria acata aos termos sem lê-los e, portanto, não está ciente das muitas maneiras que o Facebook pode utilizar as informações sem que os usuários tenham conhecimento de como ocorrem as notificações, ou pior, sem saber se permitiram ou não o compartilhamento.

- removido seu nome ou outras informações de identificação pessoal do site.

Obviamente, para [informações que outros compartilham sobre você](#), eles controlam como elas são compartilhadas.

Nós armazenamos dados pelo tempo necessário

Não está explicitado como o usuário pode ter acesso a configurações desse controle. Por exemplo, é fato que para “marcar” uma pessoa em uma foto é necessária a autorização dela. Métodos como esse deveriam estar explicitados neste texto. Também não está claro quanto tempo é necessário para o procedimento.

Podemos sugerir que seu amigo marque você em uma foto, verificando e comparando as fotos de seus amigos a informações coletadas de outras fotos em que você foi marcado. Isso nos permite fazer essas sugestões. Você pode controlar se sugerimos que outro usuário marque você em uma foto, usando as configurações em [Como funcionam as marcações](#). [Saiba mais](#).

O texto estimula as pessoas a exporem outros indivíduos, que por consequência têm sua privacidade invadida, pois essa é uma forma de controlar onde a pessoa está circulando e com quais pessoas se relacionam.

Desativar

Desativar sua conta a coloca em suspensão. Outros usuários não verão mais sua linha do tempo, mas nós não excluimos suas informações.

Essa afirmação reforça a idéia apresentada no capítulo 3.4 de que os gerenciadores e programadores do site têm livre acesso a quaisquer dados inseridos pelos usuários.

Exclusão

Quando você exclui uma conta, ela é excluída permanentemente do Facebook. Demora aproximadamente um mês para excluir uma conta, mas algumas informações podem permanecer em cópias de backup e logs por até 90 dias.

Retoma-se a idéia de que, como registrado na pesquisa, a maioria dos usuários não leu os termos ou leu em parte, e pode-se afirmar que caso excluam suas contas não estarão cientes dessa determinação.

Você deve excluir sua conta somente se tiver certeza de que nunca mais irá querer reativá-la. Você pode excluir sua conta [aqui](#). [Saiba mais](#). Determinadas informações são necessárias para fornecer-lhe serviços, assim só excluimos essas informações após excluirmos sua conta. Algumas de suas ações no Facebook não são armazenadas em sua conta, como publicações em um grupo ou envio de mensagens (seu amigo ainda pode ter a mensagem enviada, mesmo após a exclusão de sua conta). Essas informações permanecem depois que você exclui a conta.

Essa informação é preocupante, pois, se uma pessoa tem liberdade de excluir sua conta todas as informações publicadas sobre ela deveriam ser excluídas também por serem informações de conteúdo pessoal.

No dia 22/11/12 os usuários do Facebook foram notificados por e-mail de que as políticas de uso de dados seriam alteradas. Por essa razão foi oportunizado aos usuários se manifestarem a respeito das mudanças em uma página indicada pela empresa.¹¹

É interessante notar que o Facebook afirma que explicará de forma mais específica como funciona o uso dos dados dos usuários em seus novos termos. Porém, quando analisado o conteúdo das manifestações dos usuários, pode-se perceber que muitos estão alheios ao funcionamento de toda a rede social pois solicitavam que determinados procedimentos fossem cancelados (como os anúncios direcionados através de pesquisa de dados) sendo que eles próprios concordaram com os termos quando ingressaram na rede.

Por motivo de prazo da entrega dessa pesquisa, as alterações não poderão ser analisadas neste momento.

¹¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/fbsitegovernance>>, acessado em 23/11/2012, às 15:21.

4.5 Síntese dos relatórios e da análise do texto

Foi constatado que, ao pesquisar informações pessoais que se posta para abrir a conta, o Facebook oferece serviços pareados com nossos interesses. Mas se aproveita da impulsividade que temos ao abrir a conta utilizando-se do desconhecimento dos usuários a respeito das normas para fins comerciais.

A partir da análise dos termos, notamos o quanto a questão da privacidade está presente para a empresa e é importante para o usuário estar ciente de sua responsabilidade perante a disponibilização de seus dados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Grande Irmão de Orwell é um personagem fictício e uma alusão a vigilância do sistema criado na obra “1984”. Ele era uma alegoria da máxima “aumento na segurança compensa a perda de privacidade” uma vez que os personagens viviam, em teoria, protegidos apesar de terem sua intimidade violada, mas era assim que o sistema funcionava: estando em todos os lugares e prevenindo os crimes.

Hoje, passados alguns anos da publicação do romance, pode-se pensar que as redes sociais constituem um outra perspectiva do Grande Irmão. São um exemplo claro de como a aliança entre empresas e governos é suspeita, uma vez que a primeira tem interesses comerciais e o segundo, interesses políticos. Neste trabalho busquei pontos afins entre o comportamento da rede social em si e sua relação com dos usuários que a compõe. Para comparar com os indícios que Orwell apresentou na relação ficcional entre o Grande Irmão com dos habitantes da ficção que o idolatravam.

Pode-se notar que um dos elementos que atrai as pessoas para utilizarem o Facebook é a pressão social para entrar na rede: todos os amigos compartilham assuntos que interessam ao seu grupo (principalmente fotos de situações em que estão presentes) e para isso todos tem que fazer parte do sistema. Por mais que os usuários e não-usuários mantenham suas vidas privadas, acabam indiretamente sendo expostos na rede. Em outras palavras, a configuração da cultura atual legitima a entrada das pessoas na internet e por consequência sua exposição pessoal.

Porém, através dos resultados dos questionários, foi possível notar que as pessoas não estão cientes da maneira como seus dados podem utilizados. Também foi constatado que os usuários têm pouca preocupação com os seus direitos, deveres e com as normas de funcionamento dentro do universo virtual. É importante para a proteção do usuário que ele leia os termos de uso, pois assim não participará de um “efeito de manada” aceitando indiscriminadamente participar desse sistema apenas para se enquadrar no seu grupo de convivência.

O comportamento identificado através dos resultados dos questionários sugere a desatenção e o desinteresse quanto às consequências do uso de redes

sociais, bem como o despreparo a respeito do funcionamento dessas e da realidade que se configura através delas.

De forma alguma se está a desconsiderar as tantas possibilidades de entretenimento e de manifestação e expressão individual proporcionadas pelo Facebook, seja para consolidar e diversificar as relações sociais através da web, seja para utilizar um meio que torna visível a posição de minorias. Tem-se conhecimento de que empresas alteraram padrões e formas de atendimento a partir da manifestação de seus clientes na rede. Essa reorganização das relações midiáticas proporcionada por sites como o Facebook, contudo, apresentam outro viés pouquíssimo discutido e estudado. É justamente o uso dos dados pessoais dos usuários que por consequência desencadeia invasão de privacidade.

Essa pesquisa foi gratificante, pois a maioria das hipóteses apresentadas no projeto puderam ser verificadas na prática, principalmente quando a empresa em estudo afirma que tem suas normas baseadas na segurança de seus usuários, mas na verdade utiliza em seu próprio benefício o rastreando os dados para oferecer anúncios comerciais dirigidos, ou seja, lucra às custas de uma pessoa que ignora seus direitos e deveres.

Espera-se com esse trabalho que os indivíduos participantes dessa rede social fiquem alertas para a maneira como se comportam no site. Mas, sobretudo, espera-se que essa reflexão desencadeie um posicionamento mais crítico dos usuários de redes sociais, uma busca de conscientização sobre o seu funcionamento em todos os âmbitos.

Foi interessante observar a relação do Estado com o Facebook na medida em que o governo brasileiro se preocupa com a privacidade de seus cidadãos, ao contrário, por exemplo do governo da China que busca na internet dados de eventuais opositores ao governo.

Outros pontos a serem melhor desenvolvidos são: como funciona o acesso dos governos aos dados oferecidos pela rede, e como serão os desdobramentos dos processos do Ministério da Justiça contra o software de reconhecimento de faces, além de uma análise mais elaborada da conclusão a lei de proteção ao usuário de internet brasileiro. Há ainda o fato de que em breve haverá alterações nos termos de uso de dados da página do Facebook. Dentro de alguns meses ou anos será possível obter maiores informações a respeito desses processos que agora se encontram incompletos.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. **As origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo, São Paulo : Cia das Letras, 7ª reimpressão, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed. 1997.

COELHO Teixeira. **O que é Indústria Cultural**, São Paulo : Editora Brasiliense, 1980.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo : Editora Atlas, 2.ª ed., 2006.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo : Globo, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.

MACHADO, Jurem ir. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre : Sulina, 2ª edição, 2006.

MATTELART, Armand. **História da Utopia Planetária**. Trad. Caroline Chang. Porto Alegre : Sulina, 2002

McLUHAN Marshall. **Os Meios de Comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo : Cultrix, 4ª edição, 1974.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Wilson Velloso. 29ª edição, (com Apêndice da Novilíngua). São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2005.

PEREIRA, Leandro. **A Manifestação da Tribo Emo no Site de Relacionamentos Orkut**. Tese de conclusão da graduação em Publicidade de Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre : Sulina, 2010 (Coleção Cibercultura).

RIBEIRO, Renato Janine. **O Afeto Autoritário**. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2004.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: Métodos e Técnicas**. São Paulo : Atlas, 1999.

THOMPSON, John. **Mídia e Modernidade**. Petrópolis : Vozes, 2008.

VIRILIO Paul, **Entrevista Paul Virilio: da política do pior do melhor das utopias e à globalização do terror**. Revista FAMECOS: mídia,cultura e tecnologia, Nº 16 Porto Alegre : Edipucrs, 2001.

Referências da internet

FACEBOOK. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>, acessado em 20/11/2012 às 20:30.

FACEBOOK. **Declaração de Direitos e Responsabilidades**. Disponível em <<http://www.facebook.com/legal/terms>>, acessado em 15/11/2012 às 16:00.

FACEBOOK. **Informações que recebemos de você**. Disponível em <<http://www.facebook.com/about/privacy/your-info>>, acessado em 17/11/2012 às 10:59.

GOOGLE. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Google>>, acessado em 15/11/2012 às 18:57.

GOOGLE. How autocomplete works. Disponível em: <<http://support.google.com/websearch/bin/answer.py?hl=en&answer=106230>>, acessado em 21/11/12 às 11:40.

JUSBRAZIL. Disponível em <<http://mj.jusbrasil.com.br/noticias/2729143/facebook-e-notificado-por-denuncias-de-violacao-a-privacidade>>, acessado em 07/11/2012 às 15:45.

ORKUT. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>, acessado em 17/11/2012 às 15:00.

TWITTER. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>, acessado em 17/11/2012 às 15:15.

Índice de vídeos

NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL - O JEITO GOOGLE DE TRABALHAR. 2011. [online]. [Visto em 18/11/2012 às 13: 14]. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=muxtjUWTHxo>>.

REPORTAGEM FANTÁSTICO: EXPOSIÇÃO NA INTERNET DEIXA USUÁRIOS VULNERÁVEIS A GOLPES (FACEBOOK). 2012. [online]. [Visto em 15/11/2012 às 19:43]. <<http://www.youtube.com/watch?v=2zAZhEYAhhk>>.

VIDENTE ADIVINHA COM BASE NAS REDES SOCIAIS – LEGENDADO. 2012. [online]. [Visto em 15/11/2012 às 19:58]. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=0TdHj9vruwU>>.

Índice de figuras

Figura 1: <http://www.facebook.com/susana.queiro?fref=ts>, acessado em 18/11/12 às 10:35.

Figura 2: <http://www.google.com/>, acessado em 13/11/12 às 10:05.

Figura 3: http://www.facebook.com/gabriela.dorneles.33?ref=tn_tnmn acessado em 08/11/12 às 08:08.

Figura 4: <http://www.facebook.com/settings/?tab=privacy&ref=mb>, acessado em 17/11/12 às 14:51.

Figura 5: http://www.facebook.com/gabriela.dorneles.33?ref=tn_tnmn, acessado em 08/11/12 às 08:04.

Figura 6: http://www.facebook.com/gabriela.dorneles.33?ref=tn_tnmn, acessado em 13/10/12 às 10:28.

Figura 7: http://www.facebook.com/gabriela.dorneles.33?ref=tn_tnmn, acessado em 13/10/12 às 10:35.

Figura 8: <https://www.facebook.com/make1up>, acessado em 13/10/12 às 10:51.

Figura 9: <http://www.dafiti.com.br/>, acessado em 13/10/12 às 10:47.